

Argumentação e *ethos* em debates televisivos sobre futebol Argumentation and ethos in TV debates about soccer

Lucas Martins Gama Khalil*

RESUMO: Este artigo objetiva analisar o funcionamento da argumentação em debates de determinados programas esportivos televisivos. Partimos da assunção de que, embora todo texto tenha uma dimensão argumentativa, é nos textos argumentativos *strictu sensu*, de acordo com nomenclatura de Travaglia (1991), que podemos identificar, com uma regularidade mais manifesta, tipos de argumentos recorrentes. Nessa perspectiva, a Semântica Argumentativa lida com várias categorizações tipológicas provenientes tanto da Retórica Clássica quanto da chamada Nova Retórica. Nossa hipótese reside na ideia de que, em mesas-redondas de futebol, além de determinados tipos de argumentos emergirem com recorrência, a questão do *ethos* exerce um papel fundamental. Para desenvolver essa discussão, realizaremos um contraponto entre os debates de dois programas esportivos, um da televisão aberta e outro da televisão fechada, a fim de abordar as diferentes constituições das imagens dos enunciadores nessas situações de argumentação.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação.
Ethos. Futebol.

ABSTRACT: This article aims to analyze the functioning of argumentation in debates of some sports TV shows. We assume that, although every text has an argumentative dimension, it is in *strictu sensu* argumentative texts, according nomenclature by Travaglia (1991), that we can identify, with a more manifest regularity, types of recurring arguments. Considering this perspective, Argumentative Semantics deals with several typological categorizations derived both from the Classical Rhetoric as the so-called New Rhetoric. Our hypothesis is based on the idea that in debates about soccer in TV shows, besides presenting some types of arguments with recurrence, the question of the *ethos* plays a crucial role. To develop this discussion, we will explore a counterpoint between the debates of two sports TV shows, one of the broadcast television and one of the cable television, in order to discuss the different constitutions of images of enunciators into these situations of argumentation.

KEYWORDS: Argumentation. *Ethos*. Soccer.

1. Introdução

Os programas esportivos de televisão, que, no Brasil, conferem espaço privilegiado ao esporte mais popular do país, o futebol, geralmente apresentam em seus formatos, além de notícias e reportagens, partes denominadas “debates” ou “mesas-redondas”. Essa constituição bipartida reflete uma divisão não raras vezes reivindicada no interior do campo jornalístico:

* Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos. Docente do Departamento de Línguas Vernáculas (DLV) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

entre a “informação” propriamente dita, supostamente dotada de neutralidade, e a “opinião”, fruto de posicionamentos tidos como subjetivos e parciais. Embora assumamos que tal divisão pouco corresponda àquilo que ocorre com a língua em uso (tendo em vista que todo texto, mesmo os tidos como “neutros”, possuem uma orientação argumentativa¹), pode-se observar que, nesses debates e mesas-redondas, o espaço para a argumentação torna-se mais validado, na medida em que os debatedores explicitamente entram em concordância ou em polêmica diante de fatos e assuntos cujas interpretações tendem a ser mais passíveis de variação, por exemplo: “As recorrentes demissões de técnicos no Brasil são necessárias ou atrapalham o desenvolvimento dos clubes de futebol?” ou “Até que ponto a tecnologia pode interferir na arbitragem?”.

Essa maior explicitação na discussão de opiniões ocorre porque o debate, de acordo com nomenclatura de Travaglia (1991), se constitui como um texto argumentativo *strictu sensu*, conceito definido a partir de certas antecipações que o locutor realiza acerca de seu alocutário: se o locutor vê o alocutário como alguém que discorda de suas teses, estamos diante de um discurso da transformação, o que resulta nos já citados textos argumentativos *strictu sensu*; caso contrário, se o locutor antecipa a imagem de um alocutário que é adepto de suas teses, tratar-se-ia do discurso da cumplicidade. Considerando a argumentatividade como característica intrínseca de toda e qualquer atividade discursiva, o autor propõe uma oposição entre textos argumentativos não *strictu sensu*, englobando inclusive as produções nas quais se manifesta o discurso da cumplicidade, e textos argumentativos *strictu sensu*, como é o caso do debate, do artigo de opinião, do editorial, dos programas eleitorais, dentre outros.

Ao definirmos o debate como um gênero argumentativo por excelência, é necessário que discutamos brevemente o que se entende por “argumentar” e “argumentação”. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 50), argumentar “é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”. Dessa concepção, podemos destacar que não é preciso que haja uma discordância total entre interlocutores para que se tenha uma argumentação; mesmo havendo certa concordância, os argumentos podem agir no sentido de

¹ Na manchete “Brasil é goleado pela Alemanha e vê morrer o sonho do título em casa”, uma dentre as muitas que circularam após o jogo dos 7 a 1 ocorrido na Copa do Mundo em 2014, as próprias escolhas sintáticas e lexicais evidenciam uma orientação argumentativa específica, por mais que se trate de um texto que reivindique certa neutralidade. A voz passiva, mesmo sendo menos comum que a voz ativa, é empregada a fim de topicalizar o Brasil, colocado em destaque na manchete (se imaginássemos um jornal alemão, provavelmente o tópico seria outro). Além disso, a expressão “vê morrer o sonho”, em toda a sua dramaticidade, só poderia provir de um enunciador que interpreta, de alguma forma, o acontecimento em questão como frustrante.

aumentar a adesão a uma tese. Fiorin (2015, p. 22) cita a etimologia da palavra “argumento” (que é da mesma família de argênteo, argentaria, *argent* etc.) para asseverar que o “argumento é o que realça, o que faz *brilhar* uma tese [grifo nosso]”. Argumentar, de acordo com Mosca (1999, p. 17), também “significa considerar o outro como capaz de reagir e de interagir diante das propostas e teses que lhe são apresentadas”. Já Abreu (2005) diferencia o gerenciamento da informação, que contribui para convencer o outro no plano das ideias, e o gerenciamento da relação, que contribui para convencer o outro no plano das emoções. O autor ainda lembra que o sentido de “convencer” não deve ser tomado como “vencer o outro”, mas sim como “vencer junto/ vencer com o outro”, raciocínio que corrobora a interdependência entre os gerenciamentos da relação e da informação. Voltaremos a essa questão quando analisarmos o papel do *ethos* nos debates acerca de futebol em programas esportivos.

Neste artigo, analisaremos duas mesas-redondas de futebol presentes em diferentes canais, um na televisão aberta (programa *Jogo Aberto*, da Rede Bandeirantes) e outro na televisão fechada (programa *Bate-Bola*, da ESPN Brasil). Nosso objetivo não é realizar uma descrição exaustiva do funcionamento desses programas, mas antes evidenciar algumas das estratégias argumentativas que emergem com recorrência. Além disso, pretendemos discutir a hipótese de que, em debates futebolísticos, algumas das principais estratégias argumentativas estão ligadas à constituição dos *ethé* dos debatedores e, conseqüentemente, de um *ethos* dos próprios programas como um todo. Para desenvolver essa discussão, optamos por dividir o artigo em três seções: na primeira delas, focalizaremos a noção de *ethos* e a sua importância para a argumentação; na segunda seção, apresentaremos alguns apontamentos sobre os materiais de análise supracitados; por fim, a terceira seção, em tom de conclusão, associará as reflexões teóricas sobre *ethos* e argumentação ao nosso objeto de estudo, direcionando-se para uma especificação mais pontual dos fatores envolvidos em tais debates.

2. Argumentação e *ethos*: alguns apontamentos teóricos

No interior dos estudos da argumentação, sejam eles calcados na Retórica Clássica, na Semântica da Enunciação, na Nova Retórica etc., muitos são os esforços voltados para a tipologização das estratégias argumentativas ou, pelo menos, para uma caracterização geral dos lugares (*topoi*) aos quais os enunciadores recorrem para elaborar os seus argumentos. Vejamos algumas dessas possibilidades de tipologização antes de nos atermos à questão do *ethos*, foco deste trabalho.

Os gregos definiam como uma das operações da Arte Retórica a *inventio*, que, ao contrário do que sua tradução para o português pode dar a entender, não significava uma “invenção” de argumentos por parte do enunciador, mas a busca por “argumentos disponíveis numa espécie de inventário” (FIORIN, 2015, p. 94). Esses locais virtuais que os enunciadores acessam são classificados, nos *Tópicos* de Aristóteles, como: o *lugar da quantidade*, em que se afirma a superioridade ou a inferioridade de algo por razões quantitativas; o *lugar da qualidade*, em que se contesta a primazia do numérico, valorizando antes o único, o raro, o especial; o *lugar de ordem*, em que se “afirma a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre as finalidades” (ABREU, 2005, p. 86); o *lugar da essência*, que caracteriza indivíduos ou objetos como verdadeiros representantes da essência de uma espécie ou categoria; o *lugar de pessoa*, que recorre a atributos valorizados em relação ao homem: sua dignidade, mérito, importância; e o *lugar do existente*, em que se privilegia aquilo que existe em detrimento do que não existe ou do que é apenas possível.

A título de exemplificação, nas mesas-redondas de futebol, muitos dos argumentos recorrentes podem ser relacionados aos lugares que acabamos de citar. O lugar da quantidade, por exemplo, é “acessado” para justificar a maior tradição de um time em relação a outro por meio da comparação entre o número de títulos conquistados por cada um dos times. Quando, recentemente, o meio-campista Alex aposentou-se, muito se discutiu acerca da escassez de “camisas dez” no Brasil e a falta que o referido jogador faria ao nosso futebol. Recorreu-se tanto ao lugar da essência, pois ele representaria o padrão de uma categoria (“camisa dez”), quanto ao lugar da qualidade, que valoriza o raro, o único. O lugar da pessoa geralmente entra em cena quando os debatedores avaliam e condenam faltas perigosas, as chamadas “entradas criminosas”, segundo o jargão futebolístico. O mesmo lugar é fonte também para o argumento de que se deve poupar um jogador em condições físicas ruins para que ele não venha a ter uma lesão mais grave; o mais importante seria a integridade física do jogador e não o jogo. Quanto ao lugar da ordem, podemos citar as críticas feitas a Neymar quando o jogador, em 2010, atuando pelo Santos, desrespeitou o treinador Dorival Júnior por causa de uma decisão que este tomou durante um jogo. Na época, diversos comentaristas alegaram que o desrespeito à hierarquia era um forte indício de que o sucesso havia “subido à cabeça” do jovem jogador. Como exemplo de argumentação baseada no lugar da existência, um tipo de tese bastante comum é a de que determinado time deve privilegiar um torneio em detrimento de outro, em

uma situação na qual as possibilidades de se conquistar a competição preterida tornam-se remotas; dar-se-ia privilégio, portanto, àquilo que é mais palpável, e não ao “improvável”.

O tratamento dos *topoi* na teoria semântica proposta por Ducrot (1989) toma uma direção diferente, na medida em que os lugares não são inventários de argumentos acessados pelo enunciador, mas princípios argumentativos que consideram a inscrição da argumentação na própria língua. Nessa perspectiva, é a presença de determinados operadores argumentativos que permite uma e não outra conclusão. Se o argumento é, por exemplo, “o time contratou pouco” (com o advérbio funcionando como operador argumentativo) e não “o time contratou um pouco”, uma das formas típicas levaria à conclusão de que “o time enfrentará/ poderá enfrentar dificuldades na temporada”. No entanto, isso não resulta fatalmente na anulação de outra possível conclusão, embora menos provável: pode-se concluir que o time terá sucesso, por exemplo, caso um dos interlocutores sustente que as poucas alterações no elenco, de uma temporada para outra, garantiriam um maior entrosamento ao time.

Em seu *Tratado de Argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) não negam o papel dos lugares na instauração de acordos que fundamentam os pontos de partida de uma argumentação. Entretanto, optam por propor uma nova tipologização de argumentos, que se baseia em dois amplos grupos: aqueles que se sustentam a partir de processos de ligação e aqueles que se sustentam a partir de processos de dissociação. No primeiro grupo, os autores identificam três subdivisões: a) os *argumentos quase lógicos* (como a tautologia, a definição, a transitividade, a inclusão, a probabilidade etc.), que se assemelham a um raciocínio lógico, embora suas conclusões não sejam necessárias; b) os *argumentos fundamentados na estrutura da realidade* (como a implicação, a sucessão, a causalidade, os argumentos por consequência etc.), que, apoiados na experiência, se valem de relações consideradas existentes no mundo objetivo; c) os *argumentos que fundamentam a estrutura do real* (como o exemplo, o modelo e a ilustração), que também se apoiam na experiência, mas lidam com o real tentando moldar e explicar sua estrutura, “fazendo que entre as coisas apareçam nexos antes não vistos, não suspeitados” (REBOUL, 2004, p. 181).

Já os *argumentos por dissociação de noções* são aqueles que assinalam a vinculação indevida entre pares que geralmente aparecem associados, como essência/aparência, meio/fim, teoria/prática. No âmbito da argumentação futebolística, um recorrente argumento que se vale da dissociação de noções é o que aponta para uma dissociação entre custo e benefício. A princípio, poder-se-ia partir de um acordo segundo o qual o jogador contratado por um preço

alto tende a dar um maior retorno técnico ao time. No entanto, para explicar o fracasso de algumas contratações, os debatedores esportivos geralmente empregam a dissociação entre as noções citadas, gerando inclusive uma *lexia* composta em expressões como “relação *custo-benefício*”. Em matéria do *site* UOL, de junho de 2011, intitulada “Após dez meses, Palmeiras paga R\$ 800 mil por jogo e R\$ 5 milhões por gol de Valdivia”, argumenta-se no sentido de evidenciar que, embora o jogador tenha custado caro ao clube, suas constantes lesões e más atuações causaram prejuízo ao clube ao invés de benefícios dentro de campo.

Fiorin (2015) lembra que, além dos argumentos que se concentram na organização do próprio discurso, isto é, no *logos*, outras estratégias argumentativas podem recorrer com uma maior intensidade aos demais elementos já previstos na Retórica Clássica: o *ethos* (imagem de si que o enunciador edifica ao construir seu discurso) e o *pathos* (disposições assumidas pelo auditório). O recurso ao *pathos* torna-se manifesto, por exemplo, em peças publicitárias que apelam para a piedade do auditório com a finalidade de arrecadar recursos para pessoas que vivem em completa miséria. Não queremos afirmar com esse exemplo que o *pathos* ou o *ethos* só se fazem presentes em determinadas argumentações; pelo contrário, eles são características intrínsecas de toda situação argumentativa. O que eventualmente ocorre é um apelo maior a um ou outro elemento. No caso das mesas-redondas de futebol, lembramos nossa hipótese de que o *ethos* exerce um papel central nas estratégias desenvolvidas pelos enunciadores, em convergência com a proposta de cada programa televisivo.

A construção de um *ethos* não consiste somente e necessariamente em afirmações do enunciador sobre si próprio, mas, sobretudo, no modo como aquilo que ele diz suscita uma imagem fiadora de seu discurso. Para Aristóteles, o *ethos* só pertence à arte retórica (não constituindo “prova externa”) se a credibilidade do orador for resultado do próprio discurso. A Retórica Clássica, conforme Eggs (2013, p. 30), lidava com duas significações relacionadas ao termo *ethos*: uma, de sentido moral, englobava virtudes como honestidade, benevolência, equidade; outra, de sentido mais “objetivo”, relacionada à *héxis*, reunia noções como hábitos, modos, costumes. As três características demandadas para que o orador causasse uma boa impressão diante do auditório eram *phrónesis* (ponderação/ razoabilidade/ racionalidade); *areté* (sinceridade/ honestidade); e *eúnoia* (agradabilidade/ benevolência/ solidariedade). A primeira característica liga-se mais fortemente ao *logos*, a segunda ao próprio *ethos* de quem enuncia, e a terceira ao *pathos*, tendo em vista que são qualidades que afetam diretamente as disposições do auditório.

Em sua *Retórica*, Aristóteles (2007, p. 23) defende que “há três espécies de meios de persuasão fornecidos pelo discurso oral. A primeira espécie depende do caráter pessoal do orador; a segunda resulta da inserção da audiência em determinado estado psicológico; a terceira espécie decorre da prova ou da prova aparente fornecida pelos termos do próprio discurso”. A primeira espécie, identificada ao *ethos*, é “alcançada por aquilo que é dito pelos oradores, e não pelo que o povo pensa a respeito de seu caráter antes do início do discurso” (ARISTÓTELES, 2007, p. 24).

A perspectiva de Ducrot (1987, p. 189) reforça a cisão entre o conhecimento que se tem do enunciador exteriormente à argumentação e a imagem construída por aquilo que se diz no próprio discurso. Na proposta desse autor, tal dissociação está calcada em sua teoria de que funcionam dois locutores com estatutos diferentes, um que se constitui como responsável pela enunciação e outro como o ser empírico:

[...] direi que o *ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável. O que o orador poderia dizer de si, enquanto objeto da enunciação, diz, em contrapartida, respeito a λ , o ser do mundo, e não é este que está em questão na parte retórica de que falo.

Para entender o porquê de uma enunciação soar aceitável ou desagradável sob o crivo de determinado auditório, é preciso que façamos referência à noção de estereótipo. De acordo com Amossy (2013, p. 126): “O orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo”. Em outras palavras, para que uma imagem se legitime como “adequada” a determinado discurso, ela deve dialogar com certas representações imaginárias cristalizadas e aceitas por determinados grupos. Esse funcionamento é também ressaltado por Maingueneau (2011, p. 99): “O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido em valores socialmente especificados”.

Na perspectiva de Dominique Maingueneau, o *ethos* emerge não apenas no discurso argumentativo, mas em toda troca verbal. Esse conceito, na teorização do autor, não consiste em uma transposição completa do conceito homônimo da Retórica Clássica. Segundo ele, o estudo sobre o *ethos* não deve se pautar na assunção dessa noção como mero resultado de um conjunto de estratégias e cálculos sobre os quais o enunciador tem absoluto controle. Trata-se, antes, de um dos muitos efeitos observáveis da inscrição do enunciador em uma formação

discursiva. Maingueneau defende, além disso, que mesmo os textos escritos possuem uma “voz”, um tom relacionado à imagem do enunciador. Conforme propõe o autor, o conceito de *ethos* discursivo envolve um “caráter” e uma “corporalidade”:

O “caráter” corresponde a um conjunto de características psicológicas. A “corporalidade”, por sua vez, associa-se a uma compleição física e a uma maneira de se vestir. Além disso, o *ethos* implica uma maneira de se movimentar no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida mediante um comportamento global. (MAINGUENEAU, 2006, p. 271-272)

A interpretação do “caráter”, noção muito brevemente exposta na citação, não é concebida como a busca por aspectos psicológicos propriamente ditos, muito menos como apreensão do que “realmente se passa na cabeça do enunciador”. O objeto ao qual o teórico se refere consiste, diferentemente, em uma construção de leitura, uma representação sobre a constituição psicológica do enunciador resultante do modo como este gere a enunciação. Segundo Maingueneau (2010, p. 80), “a enunciação constrói certa “imagem” do locutor e configura um universo de sentido que corresponde a essa imagem”. Nessa perspectiva, o papel do auditório torna-se crucial, pois a delimitação específica de um *ethos* só tem razão de ser em função da possibilidade de estabelecer uma espécie de comunhão em relação aos ouvintes/leitores. Por esse motivo, o autor se refere à *incorporação*: ao mesmo tempo em que a enunciação confere “corporalidade” ao fiador de um discurso, “o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se relacionar com o mundo” (MAINGUENEAU, 2006, p. 272). É com base na interdependência entre a constituição do *ethos* e as expectativas de auditórios específicos que pretendemos analisar, no tópico seguinte, a argumentação futebolística.

3. As mesas-redondas de futebol: análise de dois exemplos

Os materiais de análise, conforme adiantamos, são constituídos por duas mesas-redondas de programas esportivos. A primeira foi ao ar em 09 de junho de 2015 no programa Bate-Bola, da emissora ESPN Brasil, e o trecho escolhido traz como ponto de partida a demissão de Oswaldo de Oliveira, que trabalhava como técnico no Palmeiras. A segunda foi transmitida oito dias antes no programa Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, e os principais objetos de discussão são a vitória do Palmeiras sobre o Corinthians ocorrida no dia anterior, além da contratação de um técnico estrangeiro, Juan Carlos Osório, pelo São Paulo. Tendo em

vista que o debate do programa Jogo Aberto, numa segunda-feira, repercute os jogos do final de semana, traremos também outro trecho do Bate-Bola, porém em um dia pós-jogo, 07 de maio de 2015, a fim de compararmos com mais elementos a postura dos comentaristas de cada programa em relação aos resultados alcançados pelos times².

A discussão inicial da mesa-redonda do programa Bate-Bola, conforme adiantamos, é a demissão do técnico Oswaldo de Oliveira. Alguns aspectos relacionados são tratados pelos comentaristas, sobretudo a situação do Palmeiras no Campeonato Brasileiro e a especulação de um provável novo treinador, Marcelo Oliveira, que acabara de ser demitido do Cruzeiro. Logo nas primeiras falas dos comentaristas, uma tese fica implícita: a de que os treinadores brasileiros são frequentemente demitidos mais por um problema estrutural do futebol no país do que por uma suposta incompetência técnica. Paulo Caçade, um dos debatedores, cita o treinador do Santos, Marcelo Fernandes, que, mesmo tendo ganhado o Campeonato Paulista, enfrentando na final o próprio Palmeiras de Oswaldo, já começou a ser questionado no cargo depois de uma sequência de resultados ruins. Outro argumento levantado por Caçade é a incompatibilidade do calendário do futebol brasileiro com o calendário das competições internacionais, o que faz os times ficarem desfalcados no meio das competições:

Paulo Caçade: Então, é tão fragmentada essa temporada louca que a gente tem... agora, no meio da Copa América, você tira o Robinho do Marcelo Fernandes, que é um cara que faz a diferença, e fala assim: “*pô*, mas o seu trabalho não *tá* muito bom”. Cê fala: “mas o seu também não, porque o Robinho *tá* servindo à Seleção Brasileira e o senhor não fez nada”, que é o cartola. O cartola não faz nada. Vai lá na CBF... aplaudir...

O argumento mais amplo de que os problemas do futebol brasileiro são “estruturais”, envolvendo diversas esferas extracampo (como a dos “cartolas”, dirigentes dos clubes), é, aliás, um dos motes em vários programas de debates do canal ESPN Brasil. A estratégia argumentativa empregada nesses casos consiste em relações de causalidade, que, por sua vez, são *fundamentadas na estrutura do real*; valem-se, sob o crivo da experiência, de relações consideradas existentes no mundo real. Portanto, haveria muitas demissões de técnicos no Brasil pelo fato de o calendário prejudicar os times, de os cartolas se eximirem de culpa, de

² As mesas-redondas às quais nos referimos estão transcritas em anexo.

haver muita ansiedade da torcida por uma sequência de resultados positivos, dentre outros “fatos” verificados, de acordo com certo ponto de vista, na experiência.

No decorrer do debate, outros comentaristas põem em relevo, com tom de crítica, as sucessivas demissões de técnicos de futebol no Brasil. No trecho seguinte, por exemplo, o apresentador do programa, João Carlos Albuquerque, e o comentarista Gian Oddi, ao se confundirem sobre a trajetória de um treinador, Enderson Moreira, usam essa confusão como uma espécie de reforço da tese de que os clubes brasileiros sempre colocam a culpa de seus fracassos nos técnicos, demitindo-os incessantemente:

João Carlos: Ontem, aqui no Bate-Bola, eu disse o seguinte, ah... quando o Enderson Moreira tinha saído do Grêmio, *né*, quando ele veio pro Santos...

Gian Oddi: Não, foi no Grêmio, depois Atlético Paranaense [hesitando], *né*, foram três passagens muito rápidas do Enderson, a gente acaba até se... [rindo discretamente]

João Carlos: Eu acho que ele tinha saído do Grêmio, e aí foi contratado pelo Santos, então, enfim...

Ainda problematizando o acerto ou erro da demissão do técnico do Palmeiras, os comentaristas se valem de números, tendo em vista que tais recursos passam a impressão de um acesso direto aos fatos, isto é, àquilo que, a princípio, se imporia a todos. Os “fatos”, de acordo com a tipologização de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), também consistem em argumentos fundamentados na estrutura do real.

João Carlos: Deixa eu mostrar uma tela aqui pra vocês, que é exatamente sobre o início do Palmeiras, é... numa comparação com dois campeonatos atrás, seis rodadas... pra vocês verem e fazerem uma avaliação... O aproveitamento desse ano, 2015, lembra muito o aproveitamento de 2012, quando o Palmeiras foi rebaixado pra segunda divisão. [mostra o quadro com os números e a comparação]. Então é... muito parecida essa campanha.

Gian Oddi: Eu acho essas comparações complicadas, João, porque assim... eu não sei, eu acho que... eu sei que é legal pra gente ter parâmetros históricos e tudo mais, mas eu acho que essas comparações muito complicadas porque você não sabe qual é a tabela de um campeonato, qual é a tabela de outro. Acho até que a tabela do Palmeiras nesse campeonato especificamente era uma tabela muito tranquila.

É importante destacar que o comentarista Gian Oddi, apesar de estar lidando com os mesmos números com os quais lida João Carlos Albuquerque, interpreta-os de uma maneira peculiar, o que nos faz refletir sobre a não univocidade dos fatos. Mesmo os números, que

configurariam uma realidade supostamente exata, podem ser alvo de leituras distintas. Se João Carlos argumenta que as campanhas do Palmeiras de 2012 (ano do rebaixamento) e 2015 são parecidas, o que poderia levar à conclusão de que o time realmente precisou de uma mudança técnica, Gian Oddi acrescenta a isso que a tabela (os times que o Palmeiras enfrentou nas seis primeiras rodadas) do atual ano era relativamente mais fácil, argumento que dá uma dimensão ainda maior aos números no sentido de alertar para uma situação grave do time. Oddi se valeu da dissociação entre as noções de fato e consequência, um dos pares apontados pela Nova Retórica. Em outras palavras, por mais que os números sejam semelhantes, as consequências, segundo o comentarista, podem não ser as mesmas; o time pode terminar o campeonato numa situação ainda pior ou, pelo contrário, se salvar do rebaixamento sem dificuldades. Aliás, a famosa máxima futebolística, “O futebol é uma caixinha de surpresas”, serve, de certa forma, como lugar comum para esse tipo de refutação dos números apresentados.

Após a discussão acerca dos números do Palmeiras no Campeonato Brasileiro, que mantinha o debate focalizado na demissão de Oswaldo de Oliveira, levanta-se a questão do número de sócio-torcedores do Palmeiras, que teve um impulso muito grande no começo de 2015, com mais de cinquenta mil novos sócios, mas cuja adimplência caiu consideravelmente no mês de maio. Com relação a essa problemática, o comentarista Paulo Calçade recorre ao argumento da sucessão, em que interpreta A como consequência de B pelo fato de o segundo preceder o primeiro.

Calçade: O Palmeiras teve uma queda no Avanti, *né*?

Gian Oddi: Muito mais ligada ao aumento de preço...

Calçade: Mas aí é que tá, o Avanti, que é o projeto de Sócio-Torcedor da Palmeiras, ele foi... ele serviu de termômetro desse momento de recuperação. Então, final do ano, quando o time bateu na trave, ficou ali pendurado, cai não cai, e não caiu e depois, com o volume de contratações, a euforia do torcedor veio junto, veio junto, veio junto...

João Carlos: O não cair, o estádio novo, *né*, foi como um título.

Calçade: Exatamente, como um título, e os preços também aumentaram, só que agora o Palmeiras fez um reajuste. Só que o reajuste eu ainda tenho algumas dúvidas, no valor desse programa... ele combina justamente com esse momento de quebra de expectativa, que era a do torcedor, além de ser campeão paulista, mas era começar um Brasileirão bem, e não começou o Brasileirão bem e teve a derrota no Campeonato Paulista.

Observa-se que Gian Oddi aponta uma causa, aquela que seria mais óbvia, para a queda do número de sócio-torcedores: o reajuste da mensalidade. No entanto, Paulo Calçade assevera,

apesar de não negar a possível influência do reajuste, que o declínio do programa de sócio-torcedor do Palmeiras coincide justamente com o mau momento do time, que perdeu a final do Campeonato Paulista e havia ganhado apenas uma de seis partidas no Campeonato Brasileiro. O comentarista infere, dessa forma, a inadimplência dos sócios como consequência de algo que veio antes, a série de resultados ruins, embora não possamos dizer em definitivo se essa foi realmente a causa.

Ao discutir mais a fundo os resultados do time no campeonato, Juan Pablo Sorín, o outro comentarista que compunha a mesa, realiza o seguinte comentário: “Só pra completar [pedindo autorização]. O Palmeiras ganhou do Corinthians lá no Itaquerão... Se é por torcida, o jogo mais importante até agora do Brasileirão [rindo] o Palmeiras ganhou”. O comentarista, mesmo em tom jocoso, privilegia o lugar da qualidade em relação ao da quantidade. Ainda que os números gerais sejam ruins, o jogo especial, único, contra o maior rival deveria ter sido levado em conta na avaliação do trabalho do técnico.

O último tópico discutido no bloco do programa recortado para análise é a provável contratação, pelo Palmeiras, de Marcelo Oliveira, técnico recém-demitido do Cruzeiro. Nesse ponto do debate, o apresentador dá a palavra, recorrendo a certa noção de autoridade, a Juan Pablo Sorín, que, pelo fato de ser ex-jogador do Cruzeiro, acompanha mais de perto o cotidiano do time mineiro e, *ipso facto*, as particularidades que envolveriam o trabalho do treinador:

Sorín: Primeiro, defender o trabalho do Marcelo, que até me surpreendeu também quando foi demitido do Cruzeiro no início do Campeonato Brasileiro onde ele foi campeão, depois de muitos anos o Cruzeiro não conquistava. [...] Acho que o Marcelo não tem nenhum problema ir para qualquer lugar do Brasil [...] tem muitos pontos similares com Oswaldo no trato com os jogadores... muito frontal, muito sincero e [ênfatisa] trabalha. Um treinador que gosta de trabalhar e modificou até seu perfil dentro de um clube onde ele chegou com muito, muito, sei lá... a torcida não gostava tanto dele por seu passado atleticano, mas todo mundo se inclinou a Marcelo Oliveira pelo seu trabalho. Eu acho que poderia acontecer a mesma coisa no Palmeiras caso ele fosse contratado, mas [faz um movimento com a mão] tem que trabalhar.

A argumentação de Sorín, cuja tese principal é a de que Marcelo Oliveira seria um bom técnico para o Palmeiras, é toda baseada na comparação com o trabalho de Marcelo no Cruzeiro. O “trabalho” é concebido como constituinte da essência desse técnico e, caso nós baseássemos em uma explanação ducrotiana, o encadeamento argumentativo mais aceito para esse tipo de raciocínio seria: gostar de trabalhar, portanto êxito. Porém, tal argumentação não se vale

meramente de um item lexical existente na língua (“trabalho”) e das orientações argumentativas que ele costuma adquirir. A essência do “gostar de trabalho” não aparece isoladamente, mas em aliança com a apresentação de fatos que comprovariam a competência do treinador, dentre eles, ter sido bicampeão brasileiro pelo Cruzeiro. Dessa forma, recorre-se a uma relação de causalidade (é bom técnico por conquistar títulos) para assumir a posição de que, mantendo essa essência, será também bom técnico em outro clube.

Comentadas algumas das estratégias argumentativas empregadas no trecho do debate do programa Bate-Bola, focalizemos agora o modo como o programa constrói um *ethos*, uma imagem de enunciador decorrente da própria situação de argumentação. Observamos que os comentaristas, por mais que tenham identificação com algum clube (como Sorín/ Cruzeiro), tentam criar um *ethos* de distanciamento, em que o mais importante é ser ponderado, racional, privilegiando, portanto, a gestão da *phrónesis* (conceito associado, na Retórica Clássica, à ponderação, à virtude intelectual, à racionalidade). O principal meio para se alcançar essa imagem é o abastecimento do *logos* com argumentos que, como podemos notar, geralmente se fundamentam na estrutura do real, nas assunções e relações que ganham estatuto de verdade a partir de uma “experiência compartilhada”.

Diversos outros aspectos contribuem para a produção, no programa Bate-Bola, desse *ethos* distanciado, racional e sério. Os turnos de fala são, salvo algumas exceções, respeitados. Vez ou outra é o apresentador que interrompe as falas, mas, na maioria dessas ocorrências, com expressões de concordância ou mecanismos fáticos, como: “Sim...”, “Exato”, “Isso!”, ou reforçando alguma palavra ou expressão dita por um dos comentaristas: “Na trave, exatamente...”. No trecho já citado em que Sorín começa dizendo “só pra completar”, essa expressão funciona como uma espécie de pedido de autorização, uma tentativa de se mostrar respeitoso em relação à fala do outro. O fundamental, portanto, é a deflagração de um espaço aparentemente civilizado, no qual todos exerceriam o direito de manifestar as suas opiniões. Mesmo quando há opiniões divergentes, a discussão, na maioria das vezes³, caminha para o consenso. O clima suave é corroborado pela câmera, que se movimenta lentamente em uma visão panorâmica do estúdio.

³ É importante não generalizarmos tal questão, pois, se fizermos uma rápida busca em *sites* de compartilhamento de vídeos, logo encontraremos discussões acirradas entre comentaristas de todos os canais, inclusive os da ESPN Brasil. O que queremos apontar, no entanto, é uma tendência seguida por esse programa, tendência essa que o torna peculiar, por exemplo, em relação ao Jogo Aberto.

As características do *ethos* do programa emergem também na linguagem utilizada pelos comentaristas. Construções como “pujança econômica”, “temporada fragmentada”, “parâmetros históricos”, a nominalização negativa “o não cair”, dentre outras, embora não possam ser consideradas efetivamente eruditas, fazem parte do repertório natural do debate em questão. Como poderemos observar na comparação com o programa “Jogo Aberto”, trata-se de uma das peculiaridades que ajudariam a definir o Bate-Bola.

O tom sério que o programa busca sustentar não coíbe totalmente alguns momentos de descontração, como no seguinte excerto, em que o comentarista Paulo Calçade se aproveita de uma hesitação do apresentador para fazer uma brincadeira:

João Carlos: O Marcelo, com a personalidade, a transparência, a calma mineira dele, chegar num clube como o Palmeiras, se é que ele vai ser contratado. Que que *cê* acha? [faz gestos de quem está se lembrando de algo] Como é que lá o... quem que deu uma pirada aqui em São Paulo, outro dia?

Calçade: Ah, pirado aqui tem um monte de gente... [risadas de todos] Inclusive o apresentador desse programa aqui, ó.

João Carlos: Foi o Centurión [jogador argentino], ficou meio perdido...

Apesar de existirem algumas ocasiões como essa, nas quais os comentaristas brincam e riem entre si, podemos afirmar que a predominância é a de um caráter sério e ponderado. A descontração, quando ocorre, tenta não deixar transparecer o limite entre o comentarista e o torcedor. Salientemos essa última oração e o verbo “tentar”. Nas análises ora realizadas, não é nossa intenção, de modo algum, afirmar que a mesa-redonda do Bate-Bola é racional e neutra, até porque sabemos que neutralidade e linguagem são incompatíveis. Não cabe ao linguista decidir qual dos debates é mais bem articulado, qual recorre a melhores argumentos, e outras questões desse tipo, mas evidenciar as estratégias e os modos de gestão do discurso que estão envolvidos em cada situação de uso da língua. Em vista de tais ressalvas, podemos concluir que, de fato, o programa Bate-Bola “apaga” o torcedor; os comentaristas realizam suas colocações como se olhassem de fora (João Carlos Albuquerque, por exemplo, ao analisar uma entrevista de Paulo Nobre, presidente do Palmeiras, alega que consegue perceber o “lado torcedor” do dirigente) em relação a toda a emoção que envolve o futebol. Lembremos: essa *tentativa* de apagamento não significa, em nosso ponto de vista, a vitória da imparcialidade, mas sim uma característica do *ethos* do programa visando à adesão de determinado tipo de público.

O debate do programa Jogo Aberto recortado para análise foi ao ar em uma segunda-feira, dia de “pós-jogo”, considerando que a maioria das rodadas dos principais campeonatos ocorre entre sábado e domingo. No dia anterior ao programa, o Palmeiras havia derrotado o Corinthians, seu maior rival, fora de casa, pelo placar de 2 a 0.

O programa se inicia com a apresentadora, Renata Fan, dizendo que estava ansiosa pelo debate. Quando começa a apresentar os seis comentaristas, quatro presentes no estúdio do programa, um em Minas Gerais e outro no Rio Grande do Sul, ela voluntariamente “pula” um deles, Ronaldo Giovanelli, deixando-o por último. A câmera focaliza Ronaldo e começa a tocar uma música cujo refrão repete a frase “engole o choro”, enquanto Éverton Guimarães, em Minas Gerais, e Denilson zombam de Ronaldo, um fazendo o sinal de “dois” com a mão e outro dançando ao ritmo da música, embora sentado. Logo após, troca-se a música para uma marcha fúnebre e a câmera sempre procura Ronaldo. Toda a zombaria deve-se ao fato de ele ter sido goleiro do Corinthians na década de 1990 e, principalmente, por assumir ser corintiano “roxo”, condição inseparável de sua função como comentarista.

Ao lado da imagem dos comentaristas, começa a ser transmitido o momento em que, na hora do jogo, um torcedor do Palmeiras fez sobrevoar um drone, pequeno veículo aéreo não tripulado, acima do estado do Corinthians. O drone continha estendida uma camisa do Guarani de Assunción, time que eliminara o Corinthians da Copa Libertadores uma semana antes. Os debatedores, com exceção de Ronaldo, riem da situação e a apresentadora estimula alguns comentários:

Renata Fan: Olha o que o fizeram lá em Itaquera, no céu de Itaquera, algum palmeirense...

[Denilson e Ronaldo interrompem e falam quase ao mesmo tempo]

Ronaldo: Dizem que o drone era de bateria B, se fosse de bateria A aguentaria o tranco. [Alusão aos rebaixamentos do Palmeiras para a série B]

Denilson: Ó, na moral, na moral, psss.... a Renata tá falando.

Renata Fan: A camisa do Guarani, Ronaldo, esse Guarani eu respeito, nem quero falar do Guarani né, porque de repente, né, porque vai que a gente [ela e o Internacional, seu time] se encontra numas das curvas da vida...

Denilson: Ô Renata, e outra coisa...

Ronaldo (elevando a voz): Deixa ela falar, rapaz, deixa ela falar, seu tapado, deixa ela falar aí!

Denilson: Fica na moral aí, fica na moral! [Começa a tocar “Engole o choro” novamente]

Denilson: E outra coisa, *cê* tá falando de B, que que *cê* quer falar de B, tio?

Ronaldo: Não, é que se a bateria fosse A ela aguentaria, mas a bateria era B então ela chegou, caiu no muro...

Denilson: E *cê tá* falando de B, *cê tá* falando de B?

O riso é utilizado como uma espécie de reforço para a tese geral de que “o meu time é maior/melhor que o seu”. A propósito, diferentemente do que ocorre no Bate-Bola, os comentaristas do Jogo Aberto não tentam se desvincular da paixão enquanto torcedores; pelo contrário, o movimento é o de afirmação desse lado emocional. Ronaldo Giovanelli, como já dissemos, torce para o Corinthians; Denilson, ex-jogador de São Paulo e Palmeiras, defende constantemente os dois clubes; Paulo Roberto Martins é santista; Ulisses Costas, apesar de não assumir um time explicitamente, costuma privilegiar o Palmeiras em seus comentários; a apresentadora Renata Fan torce para o Internacional; os outros dois comentaristas, que participam do debate a partir de um *link* entre o estúdio e seus respectivos estados (Éverton Guimarães em Minas Gerais e Chico Garcia no Rio Grande do Sul), sempre comentam em favor dos principais times de seus estados (Cruzeiro e Atlético Mineiro, em Minas Gerais, e Grêmio e Internacional, no Rio Grande do Sul). Podemos inferir, desse modo, que, embora haja diversas teses sendo levantadas durante o debate, a tese principal que sempre ressoa nas argumentações desses comentaristas é justamente a afirmação da grandeza de um clube em relação a outro, algo semelhante ao que geralmente ocorre entre torcedores de times rivais que se encontram segunda-feira de manhã no trabalho e discutem os jogos do fim de semana.

Ainda sobre o último excerto exposto, algumas estratégias argumentativas devem ser destacadas. Tendo em vista a identificação entre cada comentarista e determinado clube, os argumentos utilizados visam à desqualificação do adversário por meio da desqualificação dos times assumidos por eles. Em vez de elaborarem argumentos como “o time mereceu a vitória, pois teve mais posse de bola e chutes a gol”, recorre-se a argumentos do tipo *ad hominem*, isto é, que estão direcionados à desqualificação da imagem do oponente, ao mostrar incoerências relativas ao que o outro disse (consideramos aqui que há uma identificação fundamental entre o debatedor e o time que ele apoia). Quando Ronaldo faz uma brincadeira com relação ao tipo de bateria do drone (se seria B ou A), alfineta o palmeirense Denilson, aludindo ao fato de que o Palmeiras foi rebaixado em duas oportunidades para a Série B do Campeonato Brasileiro. O raciocínio seria o seguinte: “Como você está rindo da situação do Corinthians se seu time foi rebaixado duas vezes?”. Denilson, por sua vez, retruca dizendo: “*Que que cê* quer falar de B, tio?”. Considerando que o Corinthians também foi rebaixado uma vez, o comentarista se vale do argumento *tu quoque*, que, em português, significa “você também”; acusa-se o adversário de incorrer na mesma falha da qual este o acusou. Na perspectiva de Denilson, Ronaldo não

teria o direito de ironizar os rebaixamentos do Palmeiras, visto que o Corinthians também já foi rebaixado em uma oportunidade.

Fazendo um breve contraponto com o Bate-Bola, podemos observar que a dinâmica dos turnos de fala é bastante diferente. As interrupções, no Jogo Aberto, são constantes, soam naturais ao ambiente do programa, que cria uma atmosfera de discussão entre torcedores, mais levados pela paixão do que por um desenvolvimento de estratégias que lidam com o *logos* em si. Quando os comentaristas parecem reivindicar certa ordem nos turnos de fala, trata-se antes de outra estratégia de desqualificação do adversário: “Ó, na moral, na moral, ps... a Renata tá falando”; “Deixa ela falar, rapaz, deixa ela falar, seu tapado, deixa ela falar aí!”. O teor de brincadeira, de uma discussão aflorada, porém descontraída, contrapõe-se também ao caráter de seriedade que o programa Bate-Bola procura criar. Os *ethé* produzidos nos dois programas apresentam, portanto, divergências muito significativas, o que aponta para as imagens que tais debates sustentam em relação ao auditório que intencionalmente captam.

O ambiente descontraído do Jogo Aberto é também corroborado pela sonoplastia do programa, que insere diversos trechos de áudio durante as falas dos comentaristas:

Ronaldo (tomando o turno): Eu quero falar é o seguinte... Você não pode cobrar comprometimento de alguns jogadores se... [sonoplastia: cavalo relinchando] se a própria direção não teve. Porque parece que era um jogo a mais ali, agora toma uma lavada e querem agora colocar a culpa na...

Denilson (ao mesmo tempo): Tomaram o quê? Tomaram o quê?

Ronaldo: Esses dois gols... [sonoplastia: “não é a mamãe, não é a mamãe”, bordão de Baby, personagem da Família dos Dinossauros; os comentaristas do programa comparam Ronaldo a essa personagem por semelhança física]

Renata: Ronaldo, tem que engolir um chazinho, engole o choro [novamente toca a música].

Ronaldo (indignado): Aí quer comprometimento!?

Ulisses: Agora, aí desses jogadores que estavam em campo, quem é que tinha mais comprometimento que o Guerrero, do que o Emerson Sheik, desses que jogaram ontem?

Ronaldo (impondo a voz): Mas você tirou, a direção tirou *os cara* [sonoplastia: máquina registradora de dinheiro], como é que vai ter... eu falei na sexta-feira aqui, não falei, Paulão? Fala que eu falei, pô (gritando).

Além da comicidade provocada por um cavalo relinchando, que sugere a perda de controle emocional do comentarista, e pela máquina registradora, que aponta para o fato de o dinheiro “mandar” no futebol, outra estratégia é criar certos elementos caricaturais em relação a cada participante do programa. Ronaldo é comparado ao Baby, da *Família dos Dinossauros*,

Chico Garcia é o galã do debate, sempre apresentado com uma música típica de programas de celebridade, Ulisses Costa é o “pé-frio”, visto como alguém que erra muitos palpites (muitas vezes, quando ele fala, a sonoplastia do programa insere um pequeno trecho da música *Start me up*, da banda Rolling Stones, pois Mick Jagger, vocalista, ficou conhecido por ser pé-frio após assistir alguns jogos de futebol entre as Copas do Mundo de 2010 e 2014). Portanto, o *ethos* não é construído meramente pela materialidade verbal, mas por toda uma configuração intersemiótica que funciona nos programas. O próprio movimento da câmera, que, no Bate-Bola, é suave e sem mudanças bruscas de foco, acompanha freneticamente, no Jogo Aberto, as incessantes interrupções e mudanças de turno entre os participantes.

Quando analisamos o trecho do Bate-Bola, chamamos a atenção para a linguagem, que, por mais que não possa ser considerada “erudita”, se vale de algumas construções pouco empregadas na fala cotidiana. No Jogo Aberto, o tratamento dos itens lexicais, inclusive em intervenções metalinguísticas, é bastante peculiar. Destacamos dois trechos a seguir:

Ulisses: [...] O Corinthians teve lapsos de tentativa de fazer gol.

Renata: Lapsos?

Paulo Roberto: Na verdade “lapsos” é o seguinte...

Denilson: Na minha época era “lápiz” lá em Diadema.

Chico Garcia: Agora o Corinthians, olha que situação, gente... porque tem um contexto todo delicado, vencimentos atrasado, crise financeira, o Guerrero indo embora, liberando o Sheik. Isso chega no grupo de jogadores, e animicamente o treinador não consegue fazer o time jogar. Eu acho que chegou a hora das lideranças, de alguns jogadores, como Danilo, Fábio Santos, reunirem o grupo e dizerem o seguinte... “gente, a hora é agora, se a gente não se unir pra conseguir alguma coisa, olha, o Corinthians vai patinar até sabe-se lá quando, né”.

Renata: Que que é Denilson, antes de eu chamar o Éverton?

Denilson: “Animicamente”...

Renata: Gostou?

Denilson: Gostei, “animicamente” lá em Diadema é o cara que tem anemia.

Paulo Roberto: Anemia, é... [Todos riem]

Ronaldo: Quantos pontos tem o Corinthians nesse campeonato aí?

Ulisses (interrompendo): O futebol do Corinthians é anêmico mesmo...

Observamos, nessas partes do debate, que o uso de alguma palavra ou expressão não tão próxima ao falar popular torna-se alvo de gozações. Poderíamos dizer, dessa forma, que há uma norma aceita pelo programa e compartilhada entre os seus participantes. Essa norma não é, de modo algum, aleatória; ela está também a serviço da imagem que o programa enseja transmitir ao seu público: um *ethos* descontraído, próximo ao “povão”, ao torcedor.

O debate continua abordando outros assuntos até que, já em sua parte final, um vídeo da apresentação do novo técnico do São Paulo, o colombiano Juan Carlos Osório, é exibido. Quando o vídeo termina, começa a tocar a música “Estou apaixonado”, de Daniel, versão da música em espanhol “Estoy enamorado”, que soa como uma espécie de ironia em relação às declarações carinhosas que o técnico fez ao clube em sua apresentação.

Renata: Agora, sinceramente, eu desejo, Paulo, que ele tenha todo o sucesso no futebol brasileiro.

Paulo Roberto: Eu também desejo, agora, lamentavelmente aquele boneco ali [mascote do São Paulo].

Renata: Lamentavelmente, por quê?

Paulo Roberto: Aquilo é uma figura ridícula em dia de jogo, no gramado do Morumbi...

Renata: Que isso?! [Todos começam a falar ao mesmo tempo]

Ronaldo: É o mascote! É o mascote!

Denilson (gritando): Legal é a baleia? A baleia é que é legal? [Denilson se refere ao mascote do Santos, time de Paulo Roberto]

Paulo Roberto: Deixa eu falar... Olha lá [referindo-se à imagem], que coisa ridícula esse boneco.

É em plena discussão sobre o fato de o mascote do São Paulo ser ou não ridículo que o programa se encerra. Sempre em meio a muitas falas simultâneas, uma vinheta é executada e a apresentadora anuncia a próxima atração da emissora.

O leitor deste artigo poderia questionar o fato de a análise do primeiro debate (ESPN Brasil) se referir a um programa exibido em uma terça-feira, dia em que geralmente não há jogos de futebol para serem discutidos, enquanto a análise do segundo debate (Bandeirantes) se referiu a um programa exibido em uma segunda-feira, logo após uma rodada completa do Campeonato Brasileiro, portanto, no efervescer dos resultados do final de semana. Derivariam dessas contingências as substanciais diferenças encontradas? Acreditamos que não. Por isso, optamos por citar brevemente o trecho introdutório de outro debate do programa Bate-Bola, porém exibido em uma quinta-feira, um dia após diversos jogos da Libertadores da América, incluindo as oitavas de final entre Internacional e Atlético Mineiro:

William Tavares: De volta, fã de esporte, com o Bate-Bola agora analisando jogo a jogo, vamos começar por aquele... eu, pelo menos acho, acredito que os outros aqui também, os comentaristas, foi o jogo mais legal da noite, foi o mais emocionante, entre Atlético Mineiro e Internacional, dois a dois no Horto. Marra, o Levir Culpini [técnico do Atlético Mineiro] no final disse: “o resultado foi injusto”. *Cê* entende que foi injusto também? Que o Atlético merecia melhor sorte?

Mário Marra: Foram dezoito finalizações a cinco, né? O Atlético chegou *bem* mais, é claro que *tava* jogando em casa, tem que chegar mais mesmo... O Inter foi montado pra jogar mais no contra-ataque. É... ontem vale destacar, né. O Aguirre [técnico do Internacional], não colocando de cara Valdivia e [pausa enfática] D'Alessandro. A grande notícia é D'Alessandro não iniciando a partida. É, mas é um time muito forte, o Inter, é um time inteligente. O Atlético errou muito, né. Errou no primeiro gol, errou no posicionamento no segundo gol também. É... e teve que buscar no "Eu acredito" [grito da torcida do Atlético], na força, na loucura, mas finalizou muito, William, duas bolas na trave...

Celso Unzelte: Antes desse gol aí [referindo-se às imagens que passam no telão], o Rafael Carioca tinha mandado uma...

William: Na trave, exatamente...

Celso: Chutasso!

Diversos elementos podem ser apontados como características diferenciais em uma comparação com o Jogo Aberto. Embora o jogo analisado, oitavas de final da Libertadores, tenha uma importância considerada muito maior do que uma simples rodada do Campeonato Brasileiro, como foi o caso da vitória do Palmeiras sobre o Corinthians, William Tavares, o apresentador, e os comentaristas mantêm o *ethos* distanciado, racional e objetivo que também havíamos identificado durante a análise do primeiro debate. Ao discorrer sobre a (in)justiça do resultado, Mário Marra recorre a números de finalização, bolas na trave, à organização tática do time adversário, aos erros de posicionamento, ou seja, a "fatos", argumentos que se baseariam na estrutura do real. Outro aspecto que vale ser destacado é a sincronia estabelecida entre os debatedores. As interrupções, quando ocorrem, assemelham-se mais a atividades de complementação da fala do outro, como em "Celso Unzelte: O Rafael tinha mandado uma.../ William Tavares: Na trave, exatamente...", ou mesmo de corroboração do que acabou de ser dito: "Chutasso!". O relativo respeito aos turnos de fala reflete no tamanho das contribuições conversacionais ininterruptas, extensão raramente encontrada, como observamos, nos debates do programa Jogo Aberto, devido à gestão peculiar dos diálogos.

4. Considerações finais: o auditório e/é o torcedor

O debate futebolístico, diferentemente do político, como os pré-eleitorais, voltam-se mais detidamente para o passado, para aquilo que ocorreu, comentando geralmente jogos, contratações/demissões e polêmicas ocorridas no dia anterior. O debate político, por sua vez, volta-se primordialmente para o futuro. Quando os debates futebolísticos se referem ao futuro, trata-se, na maioria das vezes, dos chamados palpites ("Marcelo Oliveira será um bom técnico

para o Palmeiras”, “O Internacional é um dos favoritos para conquistar a Copa Libertadores”). Já no debate político, quando há referências ao passado, observa-se com certa recorrência uma finalidade específica: qualificar ou desqualificar um dos debatedores (“No meu governo, o índice de mortalidade infantil chegou praticamente a zero”, “Como você explica o seu nome envolvido nesse esquema de corrupção?”). Em vista dessas regularidades, podemos fazer uma analogia entre tais debates e os três gêneros retóricos estabelecidos na Grécia Antiga: o debate político, sobretudo o pré-eleitoral, assemelhar-se-ia ao gênero deliberativo, voltado para as decisões futuras, enquanto o futebolístico teria mais similaridades com o gênero judiciário, cuja função é julgar aquilo que já ocorreu. O gênero epidítico, centrado no presente, louva ou censura determinado ser ou acontecimento; sendo assim, o seu funcionamento tem espaço tanto em debates políticos quanto nos futebolísticos. Na análise do programa Jogo Aberto, por exemplo, pôde-se observar que, independentemente do julgamento sobre os acontecimentos do dia anterior, as teses gerais defendidas pelos comentaristas afirmavam a grandeza de um ou de outro time, como se tal grandeza, numa perspectiva elogiosa, fosse inerente à existência de Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Santos etc.

No início deste artigo, levantamos a hipótese de que o *ethos* é elemento fundamental das estratégias argumentativas empregadas em mesas-redondas de programas esportivos. Por que um torcedor, público-alvo desses debates, se dispõe a ligar a televisão para acompanhar as opiniões dos comentaristas, que, em grande parte das vezes, não são tão distintas daquelas que circulam em uma mesa de bar ou nas conversas na “firma” às segundas-feiras de manhã? Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a argumentação não serve meramente para levar à adesão de uma tese, mas também para aumentar essa adesão. Entendemos que a relação do auditório com debate futebolístico se estabelece no sentido de uma afirmação das impressões que o torcedor tem sobre seu time. Um palmeirense não vai ser convencido, por exemplo, de que o Corinthians é melhor/maior do que seu time de coração, mesmo que os comentaristas tragam argumentos fortes para essa tese. Por isso, a manutenção da audiência não depende da adesão do público a uma ou outra tese particular, mas de uma identificação com a forma como um ou outro programa gerencia o *ethos* de sua enunciação.

Recorremos à noção de incorporação (MAINGUENEAU, 2006) para explicar que o destinatário da enunciação não funciona como simples receptáculo do discurso, mas tem papel catalisador na assimilação de um conjunto de esquemas que corresponderiam a uma maneira

específica de se relacionar com o mundo, entrando, ou não, em comunhão com a imagem de enunciador construída pela enunciação que se instaura.

Quando antecipamos que realizaríamos análises de dois debates, um da TV aberta e outro da TV por assinatura, não tínhamos, de modo algum, a intenção de criar uma dicotomia que relacionasse o debate da TV aberta a um público menos preocupado com argumentações consideradas racionais, “fundamentadas”, “sérias”, e o debate do canal pago a um público supostamente mais “culto”, “centrado”, que saberia separar o lado emocional do torcedor de uma explanação racional sobre os acontecimentos do futebol. Essa dicotomização é falha, mesmo porque há debates em canais fechados, como nos programas “A Última Palavra” e “Fox Sports Radio”, da Fox Sports, que se assemelham muito mais ao estilo de debate do Jogo Aberto do que ao do Bate-Bola. No entanto, não se pode negar que os dois programas analisados sustentam, em relação aos públicos-alvo, representações imaginárias específicas e é com base nessas representações que se constituem os modos de enunciação, que, conforme notamos, apresentam diferenças bastante significativas. O programa Bate-Bola, ao sustentar uma imagem de distanciamento, objetividade, racionalidade, advoga por uma distinção entre o auditório e o torcedor. Trata-se de um programa que convida seu público a analisar de forma “fria”, destituída o máximo possível do lado emocional, os acontecimentos do futebol. Por sua vez, o Jogo Aberto assume, sem ressalvas, que o auditório *é* o torcedor (por isso o nosso jogo de palavras no título destas considerações finais). Em seus debates, o mais importante para o *ethos* não é a gestão da *phrónesis*, mas sim a afirmação de uma espécie de comunhão que, ao apelar para o *pathos*, busca manter a adesão do auditório. Nos termos de Abreu (2005, p. 25), poderíamos afirmar que, enquanto o Bate-Bola privilegia o gerenciamento da informação, o convencimento pela razão, o Jogo Aberto volta-se primordialmente para o gerenciamento da relação, no sentido de “falar à emoção do outro”. Como sabemos que as argumentações não se compõem exclusivamente de um ou de outro gerenciamento, o que podemos é apontar para a predominância de determinados tipos de estratégia em cada um dos discursos.

Referências Bibliográficas

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

DUCROT, O. Argumentação e “topoi” argumentativos. GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva; Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOSCA, L. L. S. (org.). **Retóricas de ontem e hoje**. São Paulo: Humanitas, 1999.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. Campinas-SP: IEL/ UNICAMP, 1991 (Tese de Doutorado).

Anexos

Jogo Aberto: 01/06/2015 (quadro integral)

Renata Fan: Ah, eu *tava* ansiosa pra esse debate, com Paulo Roberto Martins, Ulisses Costa, Denilson Show [a apresentadora pula a apresentação de Ronaldo Giovanelli, que estava sentado na sequência], Éverton Guimarães, Chico Garcia e...

[Começa a tocar uma música repetindo o verso “Engole o choro”, enquanto Éverton Guimarães faz um sinal de “dois” com os dedos, em alusão à vitória de 2 a 0 do Palmeiras sobre o Corinthians. A câmera focaliza Ronaldo, que faz de aborrecido. Denilson, mesmo sentado, dança no ritmo da música]

Renata Fan [para Denilson]: Cabe a marcha fúnebre? Você vai decidir.

Denilson: Cabe, cabe...

[Começa a tocar a marcha fúnebre, ao mesmo tempo em que aparece na imagem o *drone* que algum torcedor do Palmeiras direcionou acima do estádio do Corinthians, durante o jogo do dia anterior, contendo estendida uma camisa do Guarani de Assunción, time que eliminou o Corinthians da Libertadores uma semana antes]

Denilson: Olha que da hora!

Renata Fan: Olha o que o fizeram lá em Itaquera, no céu de Itaquera, algum palmeirense...

[Denilson e Ronaldo interrompem quase ao mesmo tempo]

Ronaldo: Dizem que o *drone* era de bateria B, se fosse de bateria A aguentaria o tranco. [Alusão aos rebaixamentos do Palmeiras para a série B]

Denilson: Ó, na moral, na moral, psss.... a Renata tá falando.

Renata Fan: A camisa do Guarani, Ronaldo, esse Guarani eu respeito, nem quero falar do Guarani né, porque de repente, né, porque vai que a gente [ela e o Internacional, seu time] se encontra numas das curvas da vida...

Denilson: Ó Renata, e outra coisa...

Ronaldo (elevando a voz): Deixa ela falar, rapaz, deixa ela falar, seu tapado, deixa ela falar aí!

Denilson: Fica na moral aí, fica na moral!

[Começa a tocar “Engole o choro” novamente]
Denilson: E outra coisa, *cê* tá falando de B, que que você quer falar de B, tio?
Ronaldo: Não, é que se a bateria fosse A ela aguentaria, mas a bateria era B então ela chegou, caiu no muro...
Denilson: E você *tá* falando de B, você *tá* falando de B?
Ronaldo: Caiu ó, *pfiiuu* [faz um gesto com a mão]
Denilson: E vocês não caíram? (repete várias vezes)
[Os dois falam ao mesmo tempo]
Ronaldo (levantando as mãos): Agora o Oswaldo [de Oliveira, técnico do Palmeiras] é o Mourinho [técnico do Chelsea], é o Mourinho?
Renata Fan: Agora eu vou dizer uma coisa: Por que o Palmeiras passou com tanta facilidade pelo Corinthians na casa do Corinthians? Por que o Palmeiras poderia ter feito uns 5 a 0? ... que o Éverton falou aqui na semana passada, poderia!
Denilson: E outra, viu, Rê, já...
[Ronaldo e Paulo Roberto interrompem]
Denilson (para Paulo Roberto): Você nem vai falar também porque seu time empatou só no finalzinho. Posso falar, posso falar?
Paulo Roberto (ao mesmo tempo): Mas eu tenho coisa boa, eu tenho coisa boa...
Denilson: Já pedimos [Palmeiras] pra mudar o mando de jogo lá no segundo turno. Vamos jogar lá [em Itaquera].
Renata: Ah é?
Ronaldo: É, porque não ganharam em casa.
Denilson: Lá *tá* fácil pra nós.
Ronaldo (ao mesmo tempo): É, quero ver, em casa não ganhou.
Ulisses Costa: São algumas coisas que são simples. O Corinthians vive uma das grandes crises, infelizmente, depois de começar o ano de maneira maravilhosa [som de um fogo de artifício caindo], né, problemas financeiros, tudo bem. Agora, o Edu Gaspar deu uma entrevista que eu achei muito interessante, quando ele disse que... iria jogar no Corinthians quem tivesse comprometimento, né. Eu nunca vi o Emerson Sheik [sonoplastia: “xiiiiii”] não ter comprometimento com a camisa do Corinthians. Eu nunca vi ele deixar de correr.
Paulo Roberto: Nem eu, nem eu.
Ulisses Costa: Eu nunca vi o Guerrero se movimentar, tentar fazer gol com a camisa do Corinthians.
Renata (corrigindo): Deixar de fazer isso.
Ulisses: É, deixar de fazer isso. Eu não sei o porquê de eles não jogarem. Isso é um ponto, que eles tinham contrato ainda.
Ronaldo (interrompendo e impondo a voz): Vai falar em comprometimento se ele já sacou três jogadores importantíssimos do clássico... Agora tá valendo.
Denilson (ao mesmo tempo): Dá pra deixar o Ulisses falar? *Tá*, então dá uma seguradinha que o Ulisses *tá* falando. Por favor, Ulisses.
[Risos de Paulo Roberto]
Ulisses: Muito obrigado, Denilson. Aí sai o Elias, também não joga... quer dizer, eram jogadores pra ser a salv...
Renata (interrompendo): Agora eu quero saber o que aconteceu com o Elias...
Ronaldo (batendo as mãos): Quero falar, esses caras não deixam eu falar. Eu quero falar o seguinte...
Denilson (ao mesmo tempo): Mas dá pra dar uma seguradinha que o Ulisses *tá* falando?
Ronaldo: Eu quero falar é o seguinte... Você não pode cobrar comprometimento de alguns jogadores se... [sonoplastia: cavalo relinchando] se a própria direção não teve. Porque parece que era um jogo a mais ali, agora toma uma lavada e querem agora colocar a culpa na...
Denilson (ao mesmo tempo): Tomaram o quê? Tomaram o quê?
Ronaldo: Esses dois gols... [sonoplastia: “não é a mamãe, não é a mamãe”, bordão de Baby, personagem da Família dos Dinossauros]
Renata: Ronaldo, tem que engolir um chazinho, engole o choro [novamente toca a música].
Ronaldo (indignado): Aí quer comprometimento!?
Ulisses: Agora, aí desses jogadores que estavam em campo, quem é que tinha mais comprometimento que o Guerrero, do que o Emerson Sheik, desses que jogaram ontem?
Ronaldo (impondo a voz): Mas você tirou, a direção tirou *os cara* [sonoplastia: máquina registradora de dinheiro], como é que vai ter... eu falei na sexta-feira aqui, não falei, Paulão? Fala que eu falei, pô (gritando).
Paulo Roberto: Falou. Você falou.
Renata: O que você falou, que eu não lembro...
Ronaldo: Eu falei na sexta-feira aqui, como é que você tira *os cara* pra ir pra batalha, pra guerra, um jogo importantíssimo. Eu falei (gritando).
Paulo Roberto: Falou. Falou.
Ulisses: E outra coisa, ô Tite [técnico do Corinthians], você deu uma entrevista coletiva, *cê* falou... a gente adora você, você é um cara incrível... que o Corinthians dominou, não, o Corinthians foi dominado o jogo todo. O Corinthians teve lapsos de tentativa de fazer gol.
Renata: Lapsos?
Paulo Roberto: Na verdade “lapsos” é o seguinte...
Denilson: Na minha época era “lápiz” lá em Diadema.
Paulo Roberto: Todos estão preocupados porque o Corinthians perdeu. Poucas pessoas se dão conta que o Palmeiras, nos clássicos, tem jogado *muito* bem.
Renata: Contra o São Paulo, massacrou...
Paulo Roberto: É... Contra o Santos jogou bem as duas partidas. Contra o Corinthians no Itaquerão quando perdeu nos pênaltis jogou bem.
Ronaldo (corrigindo): Na Arena Corinthians!
Paulo Roberto: Na Arena Corinthians, como quer o Ronaldo. Jogou bem sempre contra os grandes. E ontem ele repetiu. Então, eu acho que o Palmeiras pode jogar só clássicos contra os times de São Paulo (rindo). Porque contra os pequenos... de qualidade inferior do futebol brasileiro... ele se atrapalha e não consegue ganhar. Por que só ganha...? O Valdivia jogou bem ontem, aliás também não é novidade, porque...
Denilson (interrompendo): O jogo do segundo turno vai ser lá também...
Paulo Roberto: Não, não sei se ele vai jogar o próximo jogo...
[Interrupções generalizadas, próximas três falas praticamente ao mesmo tempo]
Ulisses: Que segundo turno?
Denilson: É, já pediram pra inverter lá o mando.
Ronaldo: Inverter mesmo, que lá não ganhou...
Renata: É importante também é ouvir o Tite e o Roberto de Andrade pra falar sobre esse momento ruim do Corinthians.
[Exibição das entrevistas do técnico e do presidente do Corinthians, que discorrem sobre a possível crise e a saída iminente do atacante Guerrero, que não jogou o clássico].
Renata: É nítido o abatimento completo do Tite...

- Ulisses (interrompendo): Não, mas...
- Renata: A gente que acompanha há quanto tempo o Tite dando coletiva [sonoplastia: “xiii”].
- Ulisses: E não poderia ser diferente, né. Não poderia ser diferente, o time não jogou. O time não joga há dez partidas bem... foi eliminado por uma equipe sem expressão nenhuma no futebol, que é o Guarani, da Copa Libertadores, perde mais um clássico para o Palmeiras, porque agora a Arena Corinthians tá virando a casa do Palmeiras. É uma realidade, porque se fosse o contrário *tava* todo mundo falando aqui, né? O Denilson já tá pedindo inversão de mando pro segundo turno. Entendeu?
- Denilson (interrompendo): Ah, por mim joga lá até o final do Brasileiro.
- Ulisses: Então, meu amigo, a situação realmente tem que aguentar isso, tem que aguentar...
- Renata: Mas, por outro lado, acho que tem que exaltar é o que o Palmeiras fez. A semana pressionada do Oswaldo de Oliveira, uma semana tensa, terrível, dando coletivas... e aí a gente viu o seguinte, o Roberto de Andrade veio falar assim: “sem o Guerrero o Corinthians não acabou”. É lógico que não acabou, agora, o Corinthians está enfraquecido sem o Guerrero e muito...
- Paulo Roberto (interrompendo): Mas a torcida...
- Renata: Perdeu o seu principal jogador.
- Paulo Roberto: A torcida do Corinthians não pensa assim. Acabou o jogo, eles foram lá no vestiário para catar o cara pela goela de novo. Já cataram o Guerrero uma vez, agora iam lá buscar outro no final do jogo de ontem. Jogaram objetos dentro do campo...
- [Aparece Ronaldo na imagem, com a sonoplastia “não é a mamãe”]
- Renata (interrompendo): Já já tem imagem do protesto.
- Paulo Roberto: O estádio, ele pode ser interditado, então essas coisas todas...
- Ulisses (interrompendo): Encontraram as duas pessoas que jogaram, né.
- Renata [referindo-se às imagens do protesto]: A imagem, ela é escura, à noite, mas olha lá. Mais de sessenta pessoas.
- Ulisses (interrompendo): Falaram em trezentos, né, Renata. Era cento e cinquenta no início, eu *tava* ouvindo o Leandro Quesada na Rádio Bandeirantes, era cento e cinquenta no início e depois falou em trezentos, a própria segurança do Corinthians avisou.
- Paulo Roberto: Sabe o que é que o Corinthians tem que fazer? Sentar com as organizadas, com os torcedores de uma forma geral e colocar os problemas na mesa... “olha, nós temos isso...”
- [Denilson e Ulisses interrompem]
- Denilson: Ô Paulo, ô Paulo...
- Ulisses: Não, não, não, não...
- Paulo Roberto (continuando): *Pera* um pouco: “olha, nós temos dívidas impagáveis, vocês podem ajudar?” [Ainda sendo interrompido]
- Não, não, mas pedir dinheiro, pedir dinheiro...
- Denilson: Ô Paulo, para irmão, para irmão, na moral, tem que cortar pela raiz...
- Paulo Roberto: Não pode é você ouvir o que você ouviu ontem... o Guerrero não receber o “bicho” nem do Mundial. Nem do Mundial o “bicho” foi pago. Que história é essa? Isso não pode acontecer.
- Ulisses: Mas foi ano passado o Mundial?
- Paulo Roberto: O Mundial foi em 2012...
- Renata (interrompendo e sendo interrompida): Agora tem um detalhe...
- Paulo Roberto: 12, nós estamos em 15. *Pô*, que história é essa, meu amigo?
- Ronaldo: Não, se é pra falar que ouviu na rádio ontem, eu ouvi falar que o Oswaldo não prestava, hoje já *tavam* falando que presta. Então é diferente o negócio, é diferente...
- Renata: Ihhhhhhhhh.
- Ronaldo (elevando a voz): É diferente, aqui nós *tamo* analisando friamente o Oswaldo e o que aconteceu ontem.
- Paulo Roberto (ao mesmo tempo): Não vem defender o indefensável, não vem defender o indefensável...
- Ronaldo: A torcida *tava* brigando aí por irresponsabilidade da direção.
- Paulo Roberto (interrompendo): Sim, o senhor defende o que não pode.
- Ronaldo: É isso que a torcida tá brigando.
- Renata: Agora é o seguinte, vem aqui [pra câmera], vem aqui [os outros continuam falando ao mesmo tempo], vem na mamãe, vem, vem, vem... Aí acalma.
- Ulisses: Aí acalma mesmo, hein, fia... Aí nós *carma*...
- Renata: Gostei... Agora, Chico e Everton aparecerão no nosso programa com a sensatez, com a lucidez, com a inteligência e com a opinião imparcial. Chico Garcia, a nossa estrela gaúcha!
- [Aparece Chico com um fundo musical típico de programas de celebridades]
- Renata: Hoje o visual né, não tá tudo isso... Agora, Chico, vai lá!
- Chico Garcia (apontando para a camisa): É verde, é verde, Renata.
- Renata: Por favor, Chico, os dois lados da moeda.
- Chico: Abraços a todos. Como a dupla Grenal só empatou, eu *tô* homenageando o Palmeiras aqui que venceu o clássico, e aí tem duas situações aí, né, Renata, nessa segunda-feira. A gente falava, eu falei aqui na sexta-feira que nos Grenais daqui, né, ou ele arruma ou ele desarruma a casa e que seria muito importante, pra Corinthians ou Palmeiras, nesse momento, pro vencedor, poder ter uma sequência melhor daqui pra frente. Eu acho que a situação do Oswaldo ainda não tá resolvida não, acho que ele ganha fôlego e vai depender do que ele conseguir com o time daqui pra frente. Num clássico as coisas se equilibram, o jogador foca mais, o Valdivia desequilibra, o Zé Roberto, que é um jogador diferenciado, também aparece muito, mas no clássico isso é mais fácil acontecer, depende de uma sequência daqui pra frente. Agora o Corinthians, olha que situação, gente... porque tem um contexto todo delicado, vencimentos atrasado, crise financeira, o Guerrero indo embora, liberando o Sheik. Isso chega no grupo de jogadores, e animicamente o treinador não consegue fazer o time jogar. Eu acho que chegou a hora das lideranças, de alguns jogadores, como Danilo, Fábio Santos, reunirem o grupo e dizerem o seguinte... “gente, a hora é agora, se a gente não se unir pra conseguir alguma coisa, olha, o Corinthians vai patinar até sabe-se lá quando, né”.
- Renata: Que que é Denilson, antes de eu chamar o Everton?
- Denilson: “Animicamente”...
- Renata: Gostou?
- Denilson: Gostei, “animicamente” lá em Diadema é o cara que tem anemia.
- Paulo Roberto: Anemia, é...
- [Todos riem]
- Ronaldo: Quantos pontos tem o Corinthians nesse campeonato aí?
- Ulisses (interrompendo): O futebol do Corinthians é anêmico mesmo...
- Ronaldo: Quantos pontos?
- Renata: Eu vou lançar o dicionário do Denilson, vou vender muuuuito!

Denilson: Animicamente, animicamente...

Renata: Agora, queria parabenizar o Everton pelo 3 a 0 do Atlético Mineiro, o Cruzeiro tá lá na rabeira, zona de rebaixamento, mas o Galo voltou a...

[Com um som fantasmagórico, aparece Everton Guimarães e em sua frente, dependurado, um fantasma de papel, com a inscrição: "Caiu em Itaquera, o Porco atropela"]

[Ulisses, Renata e Denilson riem]

Renata: Ui, olha lá, ô Everton, chega pro lado um pouquinho, meu irmão, deixa eu ver.

Denilson [referindo-se às mulheres que aparecem ao fundo na sala de jornalismo onde está Everton]: E os bombons, hein. Cada dia mais bombom aí, Everton. Cada dia mais bombom, hein, pai!

Renata: Uiiiiia, "caiu em Itaquera, o Porco atropela", Ronaldo!?

Paulo Roberto: *Cê tá* muito triste, Ronaldo.

Renata: A Luciana que *tá* aqui no estúdio *tá* rindo, e olha que ela é corintiana...

Denilson: Tem que chorar, tem que chorar, Luciana...

Ronaldo (com tom sério): É, eu *tô* rindo muito aqui, *tô* me acabando de rir. Tô aqui rindo, "ha ha ha" [sonoplastia: vaias]. Gordinho [referindo-se a Everton]...

Éverton Guimarães: Ronaldo [faz gesto de choro com as mãos], ó, ó, engole o choro, meu querido [novamente toca a música "Engole o choro"]. Eu falei 5 a 0... [Éverton dança sentado].

[Os dois começam a falar ao mesmo tempo/ próximas duas falas]

Ronaldo: *Tá* vendo como o senhor... depois o senhor voltou atrás.

Éverton: Cinco, cinco [novamente aparece o fantasma]

Ulisses: Se não fosse o Cássio, era 0 a 0.

Éverton: Não, se não fosse o Cássio seria cinco. Eu previ isso aqui porque eu sou o oráculo do programa.

Ronaldo (interrompendo): Não, não, depois o senhor voltou atrás, o senhor pipocou.

Éverton: Depois eu voltei, pra não te deixar chateado, falei que não era jogo de "chora me dói" e tal, mas se não fosse o Cássio seria cinco. Eu odeio provocação, eu não gosto de provocar, eu odeio provocação, ninguém mais lúcido do que eu, então o que eu tenho pra te dizer é o seguinte... [rindo] presta atenção, o Galo deu uma sapeca no Vasco aqui, era pra ter sido uns seis, sete, não é. O Cruzeiro vai voltar, é questão de dia... mas o Corinthians, ô... eu falo brincando mas o papo é sério. Começaram a questionar o Tite... questionaram o Muricy no São Paulo... tem algumas pessoas questionando o Marcelo aqui no Cruzeiro, mas acho que *tá* na hora de a gente olhar mais para erros cometidos de diretorias [pronúncia silabada] e colocar menos responsabilidades em quem sabe muito de futebol. Dá pra questionar o que o Tite fez no futebol? Dá pra questionar o que o Muricy fez, o que o Marcelo fez, o que eles ganharam no futebol? Então, não dá. Mas dá pra questionar atitudes de diretores... As diretorias estão errando muito, muito! As diretorias estão errando demais! fazendo investimento sem que o clube tenha condição. E depois os treinadores, que são excepcionais, pagam, e aí as cobranças todas vêm em cima dos treinadores... Acho que *tá* na hora de desviar um pouquinho o foco e começar a olhar pra diretores que não têm responsabilidade nos clubes, pra que eles parem de cometer erros, parem de gastar o que não tem! É exatamente, seu...

[Outros debatedores começam a interromper]

Ronaldo: Ah, vai... sobe com esse fantasma aí!

Renata: Olha... o Everton... é verdade, ele falou muito bem. Eu só queria mostrar Juan Carlos Osório ao vivo no São Paulo, ao lado do presidente do tricolor paulista, Carlos Miguel Aidar, sendo apresentado, recebeu uma homenagem na despedida dele lá na Colômbia, não é... Olha só, já está sentando, já já a gente vai mostrar, hein, que bacana...

Paulo Roberto (interrompendo): E essa reunião do São Paulo, que seja muito rápida, porque o São Paulo tem uma outra reunião às cinco da tarde, importantíssima (em tom de sarcasmo)...

Renata: Olha, uma reunião mais importante que essa?

Ulisses (ao mesmo tempo): Ihhhh!

Paulo Roberto: A Rodovia dos Imigrantes já está limpa. Pedágio liberado...

Renata (ao mesmo tempo): É bomba?!

Ulisses: Estaria Ganso [meio-campista do São Paulo] retornando ao Santos? [sonoplastia: grasnado de um ganso]

Paulo Roberto: Cinco horas, cinco horas, vão bater o martelo, cinco horas hoje, hein (faz o sinal de cinco com as mãos enfaticamente)...

Ronaldo: *Tá* com neblina, hein...

Paulo Roberto: O Everton falou uma coisa ali interessante, voltando ao assunto. O Tite saiu vaiado ontem do estádio, do campo...

Ronaldo (interrompendo): Todo mundo saiu vaiado ontem, *cê* acha que dois a zero, da forma que foi, *cê* acha que... quem teve lá vaiou todo mundo!

Renata (ao mesmo tempo): Acho que é a primeira vez em anos...

[Ronaldo e Paulo Roberto falam ao mesmo tempo]

Ronaldo: Tite, Mário Gobbí, vaiaram todo mundo...

Paulo Roberto: É, isso mesmo...

Ulisses: Porque é o mesmo grupo, né. É o mesmo grupo que *tá* aí é o mesmo grupo que *tava* na conquista da Libertadores, do Mundial. Então é "foi a diretoria anterior", não, não foi.

Ronaldo (interrompendo): Não, *cê* não pode jogar, *cê* não pode jogar pra diretoria anterior porque é tudo a mesma coisa, então não pode!

Paulo Roberto: Eu vou dizer uma coisa pra você. O Tite saiu de campo vaiado... pois é...

Ronaldo: Que que foi, Paulão?

Paulo Roberto: Pois é...

Renata: Agora, eu queria mostrar pra vocês uma coisa que chamou a atenção e vocês é que vão analisar.

Paulo Roberto: Diga.

Ronaldo (interrompendo): Outro impedimento na Vila [Belmiro]... Outro impedimento na Vila, aí é brincadeira?!

Renata: Vamos ouvir... Não...

Paulo Roberto: Esquece a Vila...

Renata: O Ricardo Oliveira [atacante do Santos] *tava* impedido ontem, hein... [sonoplastia: apito do árbitro]

Paulo Roberto: Fala é do Itaquera, que nós *tamo* discutindo e que vocês não pagaram ainda.

Renata: É o seguinte, Valdivia [meio-campista do Palmeiras] e Rogério Ceni [goleiro do São Paulo] falaram sobre um assunto... assim, sem querer querendo.

[Exibição de entrevistas dos dois jogadores falando, com certo tom de condenação, sobre o fato de Guerrero, atacante do Corinthians, ter pedido muito dinheiro para renovar o contrato]

Renata: Ihhhh.

Ronaldo e Paulo Roberto (gargalhando): O Valdivia falou que continua jogando [enquanto o Guerrero pediu para sair]... ha ha ha [referem-se ao fato de esse jogador pouco entrar em campo devido às lesões]

Ronaldo (gargalhando): Ah... O Valdivia?!

Paulo Roberto (gargalhando): Ah meu Deus do céu!

Renata: Mas ele jogou bem ontem.

Paulo Roberto (ainda rindo): Um jogo só, um jogo...

Renata: Foi um clássico, né.

Ronaldo (gargalhando): Ele falou que o Guerrero pediu pra sair e que “eu continuo jogando”.

Ulisses: Ele só joga um clássico...

Paulo Roberto: Ô Valdivia, ô Valdivia, pô, vai... (começa a rir novamente)

Ulisses: Eu acho engraçado, no Palmeiras...

Ronaldo (interrompendo): Foi boa, foi boa...

Ulisses: A gente não pode esquecer da realidade... Obviamente que você viver um clássico é maravilhoso, e o Palmeiras vencendo na Arena Corinthians, maravilhoso, mas *cê* não pode esquecer o que o Palmeiras fez contra o Asa. Você não pode transformar aqui no outro dia o Oswaldo como o técnico do futebol do mundo.

Paulo Roberto: Claro...

Ulisses: Ô, *pera* um pouco aí, entendeu, mas é...

Renata: Ô, gente, mas também não pode tirar o mérito do Oswaldo no clássico. *Tá* bom, quer criticar pela sequência de trabalho, critica, mas no clássico...

Ulisses (interrompendo): Mas no clássico ele tem que ser elogiado...

Renata: Vocês sabem que é diferente no clássico. Não define nada, mas...

Ronaldo (interrompendo): E teve o desgaste... é... o Palmeiras teve o desgaste no meio da semana com o Asa, jogando em casa aí, a torcida “pupando” e tal, não sei o quê, não sei o quê... e o Corinthians uma semana descansando... pro clássico... agora, o Valdivia... [volta a gargalhar]

Ulisses: O que que o Valdivia falou?

Ronaldo: O Valdivia falou: “ô, o Guerrero pediu pra sair e eu continuo jogando” [continuam as gargalhadas].

Paulo Roberto: Isso é muito engraçado...

Ronaldo: Essa foi boa!

Paulo Roberto: Essa foi a maior do ano!

Ronaldo: Ele falou que continua jogando. [gritando] Aonde, seu cavalo?!

Paulo Roberto: Primeiro de abril, primeiro de abril. Abril já passou.

[sonoplastia: cavalo relinchando]

Renata: E o Rogério Ceni...

Ronaldo: Não, o Rogério Ceni, *pera* aí, o que ele pegou, hein...

Paulo Roberto: Pegaram pesado com o Guerrero aí, hein...

Ronaldo: Por quê?

Paulo Roberto: *Pô*, “eu nunca pedi luvas [dinheiro para renovar], nunca pedi isso, nunca pedi aquilo”... O Valdivia, “eu continuo jogando, o outro foi embora”... como quem diz, ele que é o...

Ulisses (interrompendo): Mas o Rogério Ceni já pediu, ele já pediu...

Denilson (quase ao mesmo tempo): Ah, acho que o Rogério não... Acho que ele não mandou vinheta pro Corinthians, não...

Ronaldo: Ah, mandou sim, mandou ele... o próprio Valdivia, que falou também... A cabeça *dos cara* é Corinthians, *véi*...

[Todos começam a falar ao mesmo tempo e toca a vinheta para o intervalo]

Renata: Para aí, ô, eu quero saber essa história do Ganso, eu quero saber do Elias, eu quero ver a apresentação de Juan Carlos Osório ao vivo aqui no Jogo Aberto, só que rapidinho a gente faz uma pausa e volta com tudo isso.

Paulo Roberto (ao mesmo tempo): É cinco horas, cinco horas...

Ronaldo (ao mesmo tempo): E o Valdivia... [volta a gargalhar]

INTERVALO

Renata: Olha, já já Juan Carlos Osório no São Paulo, sendo apresentado... mas você está realmente satisfeita com os seus cabelos? [Anúncio publicitário] [...] Olha só, agora a gente vai ver Juan Carlos Osório chegando no São Paulo e sendo apresentado pelo presidente.

[Vídeo da apresentação do técnico no São Paulo]

[Quando o ambiente do debate volta, toca a música “Estou apaixonado”, de Daniel. O tom é de ironia com relação às declarações carinhosas que o técnico fez ao clube em sua apresentação]

Renata: Éééé...

Ulisses: Melhor voz brasileira...

Paulo Roberto: Lamentável isso...

Renata: Agora, sinceramente, eu desejo, Paulo... que ele tenha todo o sucesso no futebol brasileiro.

Paulo Roberto: Eu também desejo, agora, lamentavelmente aquele boneco ali [mascote do São Paulo].

Renata: Lamentavelmente, por quê?

Paulo Roberto: Aquilo é uma figura ridícula em dia de jogo, no gramado do Morumbi...

Renata: Que isso?!

[Todos começam a falar ao mesmo tempo]

Ronaldo: É o mascote! É o mascote!

Denilson (gritando): Legal é a baleia? Legal é a baleia? A baleia é que é legal?

Paulo Roberto: Deixa eu falar... Olha lá [referindo-se à imagem], que coisa ridícula esse boneco.

Denilson (gritando): Legal é a baleia?!

Renata: Achei que *cê* ia falar do Osório, *cê* fala do boneco!?

[Todos ao mesmo tempo]

Ronaldo: É estilo Joel Santana!

Denilson: Respeita! Respeita!

Paulo Roberto: O boneco foi levar um bilhete pro Osório e o Osório não gostou, hein... Ele não gostou não, olha a cara dele...

Ronaldo (interrompendo): Gostou sim, *tava* escrito “Bienvenido a San Pablo”.

Paulo Roberto: Outra coisa...

Renata (interrompendo): Que que *tava* escrito, Ronaldo?

Ronaldo: “Bienvenido a San Pablo. Joel Santana”

Ulisses: O que o Palmeiras fez com o Ronaldo, hein? O que o Palmeiras fez com o Ronaldo, pelo amor de Deus... [sonoplastia: "não é a mamãe"]

Paulo Roberto: Essa reunião vai se animar mais tarde [sonoplastia: máquina registradora de dinheiro]. Às cinco horas a coisa vai ficar...

Renata: Eu acho que você tá animado... Conta essa história do Ganso então... Reunião pelo Ganso?

Paulo Roberto (respondendo ainda à discussão sobre o mascote): Esse mascote do São Paulo é um mala, ele é mala, ele entra no meio e atrapalha.

Denilson (ao mesmo tempo): Legal é a baleia... Legal é a baleia...

Ronaldo: É bonitinha...

Renata (para Paulo Roberto): se prepare porque a torcida do São Paulo vai invadir suas redes sociais... E o Ganso, explica o Ganso, que história é essa. Então diga, ele vai pro Santos? [sonoplastia: barulho de uma bomba]

Ronaldo (ao mesmo tempo): Explica aí!

Paulo Roberto: Às cinco horas uma reunião, que pode ser definitiva, às cinco horas no CT do São Paulo. São Paulo, Santos e os representantes, né [sonoplastia: máquina registradora de dinheiro], para que o Ganso vá jogar na Vila Belmiro já a partir da semana que vem. [sonoplastia: bomba]

Denilson: É, mas o Ganso falou que não ia...

Paulo Roberto: Não... ele não falou que não ia, ela falou que... que deu uma recuada, que complicou... A Marginal está preparada... pedágio livre...

Ronaldo (ao mesmo tempo): Já tiraram a foto dele na Vila, já...

[Toca a vinheta para o encerramento do programa e todos começam a falar ao mesmo tempo sobre a possível volta de Ganso ao Santos]

Ronaldo: Anchieta, Imigrantes, ali...

Ulisses: Pinheiros, Bandeirantes, Imigrantes...

Paulo Roberto: Eu sei...

Ronaldo: Ele não sabe nem onde ele tá! Dá um GPS pra ele...

Renata (encerrando o programa): Olha só, o Neto tá chegando com "Os Donos da Bola" nas programações locais e amanhã, onze horas, a gente se encontra por aqui... [volta-se a Ronaldo] Engole o choro, menino, engole o choro... Ó o mascote lá, ah, coitado...

Bate-Bola 3ª Edição: 09/06/2015 (trecho intermediário)

[...]

Paulo Calçade: Se você não conquistou o Campeonato Paulista [referindo-se a Oswaldo], já começa com um ponto negativo. E mesmo o Marcelo Fernandes, que ganhou o Paulista, já está sendo questionado no Santos. Ganhou o Paulista, mas, depois de seis jogos, não significou absolutamente nada na história dele ganhar o Paulista, porque ela já tá sendo questionado inclusive a respeito da troca. Então, é tão fragmentada essa temporada louca que a gente tem... agora, no meio da Copa América, você tira o Robinho do Marcelo Fernandes, que é um cara que faz a diferença, e fala assim: "pô, mas o seu trabalho não tá muito bom". Cê fala: "mas o seu também não, porque o Robinho tá servindo à Seleção Brasileira e o senhor não fez nada", que é o cartola. O cartola não faz nada. Vai lá na CBF... aplaudir...

João Carlos Albuquerque: O Modesto Roma reclamou da presença do Paulo André [jogador de futebol representante do Bom Senso Futebol Clube] na reunião ontem no Rio? (levanta com um ar de indignação e riso irônico).

[...] Deixa eu mostrar uma tela aqui pra vocês, que é exatamente sobre o início do Palmeiras, é... numa comparação com dois campeonatos atrás, seis rodadas, pra vocês verem e fazerem uma avaliação. O aproveitamento desse ano, 2015, lembra muito o aproveitamento de 2012, quando o Palmeiras foi rebaixado pra segunda divisão. [mostra o quadro com os números e a comparação]. Então é... muito parecida essa campanha.

Gian Oddi: Eu acho essas comparações complicadas, João, porque assim... eu não sei, eu acho que... eu sei que é legal pra gente ter parâmetros históricos e tudo mais, mas eu acho que essas comparações muito complicadas porque você não sabe qual é a tabela de um campeonato, qual é a tabela de outro. Acho até que a tabela do Palmeiras nesse campeonato especificamente era uma tabela muito tranquila.

João Carlos: Tranquila...

Gian Oddi: Se você olhar pro começo dos três primeiros jogos que o Palmeiras fez, considerando que o primeiro jogo foi contra um Atlético Mineiro totalmente reserva, era até uma tabela tranquila. Agora, se a gente olhar pra 2012 e 2014, o Palmeiras não tinha trocado 22 jogadores em seu elenco, então é claro que cada campeonato tem a sua particularidade, né. A comparação é interessante, estatisticamente, né.

João Carlos: (interrompendo Gian Oddi) mas os números de 2012 levaram o Palmeiras ao rebaixamento, ainda que seja o triplo em termos de porcentagem, 0 vitória e 1 vitória não é que tem muita diferença...

Calçade: O Palmeiras teve uma queda no Avanti, né?

Gian Oddi: Muito mais ligada ao aumento de preço...

Calçade: Mas aí é que tá, o Avanti, que é o projeto de Sócio-Torcedor da Palmeiras, ele foi... ele serviu de termômetro desse momento de recuperação. Então, final do ano, quando o time bateu na trave, ficou ali pendurado, cai não cai, e não caiu e depois, com o volume de contratações, a euforia do torcedor veio junto, veio junto, veio junto...

João Carlos: (interrompendo) O não cair, o estádio novo, né, foi como um título.

Calçade: Exatamente, como um título, e os preços também aumentaram, só que agora o Palmeiras fez um reajuste. Só que o reajuste eu ainda tenho algumas dúvidas, no valor desse programa... ele combina justamente com esse momento de quebra de expectativa, que era a do torcedor, além de ser campeão paulista, mas era começar um Brasileirão bem, e não começou o Brasileirão bem e teve a derrota no Campeonato Paulista. Então houve uma queda [faz um sinal com a mão de uma linha descendente]... E isso pode até preocupar um pouco a diretoria porque um clube como o Palmeiras, qualquer um, precisa ter o tempo todo uma expectativa em alta, crescente, o torcedor dentro do estádio. No caso do Palmeiras, então, o dinheiro [da bilheteria] fica com o clube, que é fantástico... você comparar com o Corinthians, o dinheiro não fica com o Corinthians.

João Carlos: E é o primeiro em renda...

Calçade: Ele precisa continuar arrecadando pra manutenção dessa ideia de gestão do clube hoje. Não sei se a queda é, de repente... [deixa implícito que a queda do número de sócio-torcedores é devido ao fato de o time não corresponder em campo].

Gian Oddi: É, vai ser curioso ver o público do próximo jogo, que talvez seja esse o momento de maior depressão, né, depois da demissão do Oswaldo, depois de uma derrota contra o Figueirense fora de casa, acho que é... vai ser interessante a gente ver quantas pessoas estarão no Allianz Parque no próximo domingo.

João Carlos: Bom, o Gian...

Juan Pablo Sorín: Só pra completar [pedindo autorização]. O Palmeiras ganhou do Corinthians lá no Itaquerão... Se é por torcida, o jogo mais importante até agora do Brasileirão [rindo] o Palmeiras ganhou.

Gian Oddi: Foi sem torc... sem a sua torcida.

Sorín: Mas ganhou. Ganhou um clássico importante, ganhou do São Paulo, mas agora, quanto tem a ver a demissão do Marcelo Oliveira, do Cruzeiro, pra que seja tão de repente assim a notícia [demissão do Oswaldo]?

João Carlos: Quero te perguntar exatamente sobre o Marcelo. Como disse o Gian Oddi, o Diego Garcia, repórter do nosso site, já informou que o Palmeiras está mesmo negociando com o Marcelo. Ontem, aqui no Bate-Bola, eu disse o seguinte, ah... quando o Enderson Moreira tinha saído do Grêmio, né, quando ele veio pro Santos...

Gian Oddi: Não, foi no Grêmio, depois Atlético Paranaense [hesitando] né, foram três passagens muito rápidas do Enderson, a gente acaba até se... [rindo discretamente]

João Carlos: Eu acho que ele tinha saído do Grêmio, e aí foi contratado pelo Santos, então, enfim...

Sorín: Foi, acho que é isso sim.

Gian Oddi: Acho que foi isso sim.

João Carlos: E o Leandro Damiano, quando saiu do Internacional e veio pro Santos, também, não jogava, não jogava, não jogava, eu falei, olha: Criou-se no Brasil, até pela pujança econômica, população, o Rio de Janeiro já foi capital, São Paulo é a maior cidade do Brasil, os negócios se concentram muito aqui no tal do eixo Rio-São Paulo. Eu imagino que, pra quem sai de um outro centro, não que seja sempre proibitivo o sucesso, tanto que tem muita gente do Nordeste, do Sul, do Norte, fazendo todo tipo de sucesso no Brasil, né. Agora, eu imagino que pra certas personalidades, chegar pela primeira vez... Eu temi pelo Doriva, o Doriva foi pro Rio e ganhou o Campeonato Carioca com o Vasco...

Gian Oddi: O Arnaldo falou isso ontem, no Linha de Passe [outro programa da ESPN], o que ele apanhou é que assim, que a dificuldade pra treinar o Palmeiras que o Marcelo pode encontrar vai ser bem maior do que a... [fica implícito "a do Cruzeiro"]. E o Arnaldo falou até baseado em declarações de outros técnicos, como o Wanderley Luxemburgo...

João Carlos: É outra cobrança. É uma torcida maior, é uma cidade maior, é uma velocidade louca... Que que *cê* acha, Sorín? O Marcelo, com a personalidade, a transparência, a calma mineira dele, chegar num clube como o Palmeiras, se é que ele vai ser contratado. Que que *cê* acha? [faz gestos de quem está se lembrando de algo] Como é que lá o... quem que deu uma pirada aqui em São Paulo, outro dia?

Caçade: Ah, pirado aqui tem um monte de gente... [risadas de todos] Inclusive o apresentador desse programa aqui, ó.

João Carlos: Foi o Centurión [jogador argentino do São Paulo], ficou meio perdido...

Sorín: Primeiro, defender o trabalho do Marcelo, que até me surpreendeu também quando foi demitido do Cruzeiro no início do Campeonato Brasileiro onde ele foi campeão, depois de muitos anos o Cruzeiro não conquistava, justamente depois do Wanderley, né, que agora volta para o Cruzeiro e voltou a vencer em jogos importantes, foi, foram semanas muito *vértigo* [do espanhol, relacionado a vertigem] nesses dias. Ele cresceu muito, no meu ponto de vista, depois de sua passagem pelo Coritiba, e agora depois de ser treinador de um time campeão brasileiro. E também até ele conseguiu que o time jogasse de um jeito diferente a Libertadores, é verdade, fracassou no último jogo, mas não é o treinador que fracassa, o estilo do Cruzeiro foi o mesmo, só que os jogadores não jogaram à altura que o Cruzeiro precisava para ganhar de um time importante como o River Plate... Acho que o Marcelo não tem nenhum problema ir para qualquer lugar do Brasil, mesmo com seu jeito mineiro de ser, acho que não teria grande problema de relacionamento no vestiário, teria Alexandre Mattos [diretor de futebol do Palmeiras], no caso, alguém de sua confiança, e eu acho que tem muito a ver, tem muitos pontos similares com Oswaldo no trato com os jogadores... muito frontal, muito sincero e [ênfatica] trabalha. Um treinador que gosta de trabalhar e modificou até seu perfil dentro de um clube onde ele chegou com muito, muito, sei lá... a torcida não gostava tanto dele por seu passado atleticano, mas todo mundo se inclinou a Marcelo Oliveira pelo seu trabalho. Eu acho que poderia acontecer a mesma coisa no Palmeiras caso ele fosse contratado, mas [faz um movimento com a mão] tem que trabalhar.

João Carlos: É... Vamos ouvir um trecho do presidente Paulo Nobre falando sobre o Marcelo Oliveira e sobre o Valdivia, diga lá presidente.

[Exibe-se trecho da entrevista coletiva do presidente do Palmeiras, Paulo Nobre, que não confirma acerto com Marcelo Oliveira, mas também não nega. Sobre Valdivia, Nobre afirma que o jogador é identificado com o clube e que gostaria de renovar o seu contrato, porém, tudo dependeria da vontade do jogador e de certos financeiros]

João Carlos: Bom, ninguém tem dúvida de que o Paulo Nobre é um homem culto, civilizado, rico, né, muito bem informado, fala muito bem, um cara inteligente e tal, mas a gente, enquanto ele falava, a gente chegava rapidamente à conclusão de que ele um... antes de mais nada um torcedor. Torcedor do Palmeiras, quanto tantos outros, né, que tem opiniões próprias sobre técnico, sobre elenco... Vamos ver o que ele falou sobre o elenco do Palmeiras?

[Outro trecho da entrevista é exibido. Depois disso, o apresentador chama o intervalo e anuncia as atrações do próximo bloco].

Bate-Bola 1ª Edição: 07/05/2015 (segundo bloco)

William Tavares: De volta, fã de esporte, com o Bate-Bola agora analisando jogo a jogo, vamos começar por aquele... eu, pelo menos acho, acredito que os outros aqui também, os comentaristas, foi o jogo mais legal da noite, foi o mais emocionante, entre Atlético Mineiro e Internacional, dois a dois no Horto. Marra, o Levir Culpi [técnico do Atlético Mineiro] no final disse: "o resultado foi injusto". *Cê* entende que foi injusto também? Que o Atlético merecia melhor sorte?

Mário Marra: Foram dezoito finalizações a cinco, né? O Atlético chegou *bem* mais, é claro que *tava* jogando em casa, tem que chegar mais mesmo... O Inter foi montado pra jogar mais no contra-ataque. É... ontem vale destacar, né. O Aguirre [técnico do Internacional], não colocando de cara Valdivia [homônimo do jogador do Palmeiras] e [pausa enfática] D'Alessandro. A grande notícia é D'Alessandro não iniciando a partida. É, mas é um time muito forte, o Inter, é um time inteligente. O Atlético errou muito, né. Errou no primeiro gol, errou no posicionamento no segundo gol também. É... e teve que buscar no "Eu acredito" [grito da torcida do Atlético], na força, na loucura, mas finalizou muito, William, duas bolas na trave...

Celso Unzelte: Antes desse gol aí (referindo-se às imagens que passam no telão enquanto falam os comentaristas), o Rafael Carioca tinha mandado uma...

William: Na trave, exatamente...

Celso: Chutasso!

Mário: É, o Levir fez aquilo que a gente vinha falando ontem aqui, né, de tirar o Carlos e iniciar com o Thiago Ribeiro.

William: Exato... Que não foi tão bem no jogo o Thiago Ribeiro, depois acabou até saindo...

Mário: Até saindo... mas pelo menos, assim... é um jogador que procura ir mais até a linha de fundo, né. É... não sei se vai ter a posição, agora, quem entrou no finzinho e participou bem foi o Jô junto com o Pratto, né?

William: Sim.

Mário: De novo, o Pratto pra mim foi o destaque do Atlético, é... raçudo, brigador... E o Inter não dá pra falar de *um* destaque, porque o Inter foi bem no jogo dentro de uma estratégia. Se você quiser, você pode falar assim: "Ah, eu esperava um Inter mais técnico, mais agressivo, jogando mais ofensivamente"... Ai alguém pode contra-argumentar, né: "*Pera* aí, mas isso é... Libertadores, não precisa sair guerreado feito louco"

William: Sim...

Mário: É, realmente, e é um clássico nacional e o Inter fez dois gols fora de casa.

William: O Aguirre falou o seguinte: "se, antes da partida, se chegasse pra torcedor do Inter e falasse, olha, vai ser dois a dois, o torcedor do Inter ia gostar".

Eduardo Tironi: Opa, fechava com esse resultado já!

William: Tranquilo, né? Precisava nem entrar em campo. *Tá* ótimo, né? É dois a dois? É isso, vamos fechar. Só que ficou o gostinho amargo porque teve o dois a um até os 49 minutos.

Celso: Poderia ser melhor...

William: Enfim, o resultado foi bom ou não foi, pro Internacional?

Eduardo: Ah, se você não olhar o tempo em que saiu o gol, eu achei que foi ótimo, achei um excelente resultado, dois a dois, ter feito dois gols fora de casa, o empate até de um a um em casa é do Internacional, e aí, dá pra você lembrar da final do Estadual...

William: Sim

Eduardo: Grêmio saiu comemorando que tinha conseguido empatar em casa e precisaria de um resultado não muito difícil no segundo jogo e... deu nem pro começo. Foi lá e perdeu... E eu *tô* com o Marra, o time do Inter é forte, time do Inter é bem forte... E aí *cê* lembra do Aguirre, né, o Aguirre apareceu no Internacional depois de duzentas tentativas, era Luxemburgo, era Tite, era não sei quem, não veio ninguém e chegou o Aguirre. A torcida ficou com... é, ressalvas com relação a ele. Agora, um cara, técnico seja lá de onde for, precisa ter coragem, né, pra chegar assim: "olha, ô, D'Alessandro, você é meu 10, maior ídolo da torcida, você não vai jogar hoje, *cê* vai ficar no banco e vai entrar no meio do caminho", precisa ter coragem pra fazer isso... Fez, ele entrou, fez a jogada do gol.

Celso: E tudo conspirou a favor dele, porque o primeiro gol sai no começo do jogo. Esses que cobram... cobram um "Colorado" atacando que nem um louco... atacar como um louco por que? Se consegue um gol contra o Atlético Mineiro, um time fortíssimo, fora de casa, no começo do jogo... a estratégia ontem deu toda certa pro Diego Aguirre e, à exceção do gol tomado no fim da partida.

William: Mas é um técnico com repertório, né. Aí é que *tá*.

Celso: Tem muitas opções, e do jeito...

William (interrompendo): Você vê durante toda a Libertadores, Campeonato Gaúcho, as opções que ele fez, as trocas que ele fez... enfim, no começo teve dificuldades, óbvio, *tava* conhecendo o elenco, enfim, *tava* tentando as formações.

Celso: Agora ele acertou a mão...

William: Mas ele tem repertório, o jogo de ontem provou isso.

Celso: Sabe o que é, é que *tá* chegando o Brasileiro, e toda a vez que o Brasileiro *tá* chegando o Inter é favorito [risos de todos], o Inter alcança o seu ápice, né. Mas dessa vez, eu acho que mais que a vantagem, as vantagens do zero a zero, do um a um, o Inter tem a vantagem de ser o time que é, o jeito que *tá* jogando... um time que *tá* jogando o que *tá* jogando hoje, decidindo uma vaga em casa com duas vantagens de empate também, apesar da grandeza do adversário, sou mais o Inter agora...

Eduardo: E tem um elenco diferente dos outros anos, né. O Inter é favorito porque tem muitas estrelas... Dessa vez, tem *vários* jogadores da base, é um time bem mesclado, e tem essa pra mim que é talvez a grande virtude do Internacional, que é o Aguirre saber trabalhar com suas peças. Então, esse campeonato, nessa temporada maluca que é a brasileira, com... jogos seguidos, aí para, aí volta um monte de jogo seguido, você ter um elenco mais ou menos homogêneo, entra, sai e não muda muito o jogo, o time, é uma *grande* virtude, isso pra um Campeonato Brasileiro... e pra Libertadores, claro, com essa vantagem alcançada, acho que *tá*... é um excelente resultado. Quem não gostaria de, fora de casa, com o Atlético Mineiro, que é destruidor em casa, sair do jogo com dois a dois? Embora tenha perdido... sofrido gol no final.

William: Um bom negócio. Agora, Marra, a gente vendo o gol do final, de novo, né... o lateral do Marcos Rocha, claro que dessa vez não foi tão ensaiadinho, deu sorte ali, a bola sobrou pro Léo Silva, mas assim, de novo ele vai na área... e foi combinado, porque ele dá uma entrevista no final do jogo, depois do jogo, né, falando justamente isso, que ele combinou com o Léo Silva, viram que *tava* difícil, as "torres gêmeas" ali no Internacional... falou: "bom, tem lá o Jô, tem lá o Pratto, são mais altos, vai você também que três contra dois a gente pode levar vantagem". Acabou não funcionando pelo alto, mas a presença ali incomodou... deu certo o que os dois combinaram, né.

Mário: E o Léo tentou bater com a esquerda e a bola... errou... a bola sobrou no pé do Rodrigo Dourado...

William: Isso.

Mário: (pausadamente) Que estava morto, cansadíssimo. Já tinha caído, né, um pouco antes, já *tava* sentindo um pouco antes esse cansaço. E a bola volta pro Léo e o Léo bate, né. Dois minutos, que dois minutos né... na bola anterior, o Léo Silva tinha cabeceado na trave.

William: Sim.

Mário: Que deu origem, né... Ai depois teve o chute pra fora. Então, sim, teve um pressão muito forte... Vou repetir, foram dezoito finalizações contra cinco.

William: E é bom dizer, né. Que noite do Alisson [goleiro do Internacional] também! A gente falou do Fábio [goleiro do Cruzeiro], mas o Alisson foi muito bem também.

Mário: É, não dá pra falar que não teve volume de jogo... teve volume... atacou muito, não conseguiu fazer gol, quer dizer, fez dois, mas o Alisson foi muito bem, né. O Alisson teve uma boa noite e não é só isso, é um jogo de estratégia, que é uma coisa que a gente não pode perder essa ideia, né, é um jogo de estratégia, um time ficou se defendendo mais...

William: Vamos às entrevistas então lá no Independência. [...]

Artigo recebido em: 13.09.2015

Artigo aprovado em: 26.11.2015